



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**RACISMO NA MÍDIA: UM ESTUDO DA COBERTURA
MIDIÁTICA NAS MORTES DO MÉDICO JAIME
GOLD E DOS JOVENS GILSON DOS SANTOS E
WANDERSON MARTINS**

MAURÍCIO DE AZEVEDO FERRO

RIO DE JANEIRO

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**RACISMO NA MÍDIA: UM ESTUDO DA COBERTURA
MIDIÁTICA NAS MORTES DO MÉDICO JAIME
GOLD E DOS JOVENS GILSON DOS SANTOS E
WANDERSON MARTINS**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/Jornalismo.

MAURÍCIO DE AZEVEDO FERRO

Orientador: Prof. Dr. Muniz Sodré de Araújo Cabral

RIO DE JANEIRO

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Racismo na mídia: um estudo da cobertura midiática nas mortes do médico Jaime Gold e dos jovens Gilson dos Santos e Wanderson Martins**, elaborada por Maurício de Azevedo Ferro.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Muniz Sodré de Araújo Cabral
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ
Departamento de Comunicação – UFRJ

Prof. Dra. Marialva Carlos Barbosa
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ
Departamento de Comunicação – UFRJ

Prof. Dra. Maria Helena Rego Junqueira
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ
Departamento de Comunicação – UFRJ

RIO DE JANEIRO

2016

FICHA CATALOGRÁFICA

FERRO, Maurício de Azevedo.

Racismo na mídia: um estudo da cobertura midiática nas mortes do médico Jaime Gold e dos jovens Gilson dos Santos e Wanderson Martins. Rio de Janeiro, 2016.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação
– ECO.

Orientador: Muniz Sodré de Araújo Cabral

AGRADECIMENTOS

Àqueles que compreendo como família: minha mãe Márcia, meu tio Flávio, minha avó Glória, minha tia avó Sara, minha madrinha Carmen, minhas primas Marina e Iara, meu primo Roberto e meu avô Albino, de quem tenho saudades.

Aos meus amigos dos tempos de Colégio Santo Agostinho, pela amizade sincera e duradoura: Patrick Rahy, Lucas Graça Aranha, Guilherme Freind, Gustavo Pimenta, Italo Cordovil, Nicolas D'Áuria, Paulo Pinheiro Jr., Guilherme Lopes, Lucas Silva, Matheus Dias, Pietro Narcisi, Pedro Mariano Brandão e Rafael Menezes.

Aos amigos dos tempos de ECO, pelos bons momentos que passamos juntos nos últimos anos: Beatriz Moraes, Pedro Souto, Leandro Resende, Matheus Quelhas, Rodrigo Lois, Gabriel Pardal, Renato Senna, Gabriel Padilha, Lucas Pimenta, Gabriel Menezes e Lucas Altino.

Aos amigos que fiz pela vida, por meios diversos: Christiano Reis, Matheus Giancristoforo, Victor Souza, João Castro, Pedro Henrique Duran, Rafael Tavares, Rodrigo Oliveira, Lucas Nasra, André Montanari, Bernardo Menezes, Rodrigo Cid, Felipe Tebet, Inácio Leite, Gabriel Leite, Antônio Casares e Felipe Freitag.

Ao meu orientador Muniz Sodré, pela paciência em me ajudar nesta fase, sobretudo nas excelentes dicas de leitura.

À professora Raquel Paiva e à monitora Irene Niskier, pelas cobranças necessárias.

A todos os professores com os quais tive aula, desde o colégio até a faculdade, pois tiveram participação fundamental em minha formação.

FERRO, Maurício de Azevedo. Racismo na mídia: um estudo da cobertura midiática nas mortes do médico Jaime Gold e dos jovens Gilson dos Santos e Wanderson Martins. Orientador: Muniz Sodré de Araújo Cabral. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho demonstra como a mídia brasileira é racista. Principia quebrando mitos, como os de que não somos racistas ou de que é melhor não falar sobre o racismo, como forma de combatê-lo. Depois, a partir de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o trabalho prova as desigualdades sociais existentes no país em função da cor de pele, para, então, mostrar como o negro é deixado de fora da partilha do sensível. Por fim, o estudo faz uma análise da cobertura midiática de duas mortes que ocorreram quase simultaneamente. De um lado, o médico Jaime Gold, que pedalava na Lagoa. De outro, os jovens Gilson dos Santos e Wanderson Martins, assassinados em operação policial no Morro do Dendê. O tratamento da mídia aos dois casos e seus desdobramentos exemplificam como os meios de comunicação estabelecem a divisão sensível do mundo, de acordo com o cromatismo da pele.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. O POVO BRASILEIRO E A METÁFORA DOS TRÊS RIOS.....	7
2.1. A negação do racismo	10
2.2. A ocultação do racismo	14
3. IBGE COMPROVA DESIGUALDADES RACIAIS.....	16
3.1. Crescimento da população negra	17
3.2. Taxa de fecundidade	20
3.3. Faixa etária.....	21
3.4. Escolaridade	22
3.5. Trabalho	23
3.6. Renda	24
3.7. Violência.....	24
4. A EXCLUSÃO DO NEGRO NO SENSÍVEL	27
4.1. O papel da mídia na perpetuação do racismo.....	30
5. O CASO DAS MORTES DO MÉDICO JAIME GOLD E DOS JOVENS GILSON DOS SANTOS E WANDERSON MARTINS	32
5.1. SER OU NÃO SER NOTÍCIA	35
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
7. REFERÊNCIAS	42
7.1. Bibliografia	42
7.2. Conteúdo virtual.....	42
8. ANEXOS.....	44

1. INTRODUÇÃO

O racismo é um dos grandes tabus da nossa sociedade. Numa pesquisa sobre relações raciais realizada em 1988, ano do centenário da Abolição, o resultado foi sintomático: 97% dos entrevistados afirmou não ter preconceito, mas, quando perguntados se conheciam pessoas ou situações em que o preconceito racial havia sido revelado, 98% disseram “sim”, de acordo com uma reportagem da revista Pesquisa Fapesp (Edição 134, de abril de 2007). “A conclusão informal era que todo brasileiro parece se sentir como uma ‘ilha de democracia racial’, cercado de racistas por todos os lados”¹, sentenciou a antropóloga e professora Lilia Moritz Schwarcz.

O Brasil tem uma espécie de cegueira em relação ao racismo existente dentro de seu território. O país vive sob uma cortina de fumaça que mascara o preconceito e cria a ilusão de que estamos numa democracia racial, já que a ideia de identidade nacional é baseada no princípio da miscigenação e da pacífica convivência entre indivíduos das mais diversas cores, um resultado entre as misturas de branco, negro e índio.

Tendo como pressuposto a ideia de que este é o País da miscigenação, verdadeiro paraíso onde as três raças formadoras da nacionalidade, o branco, o negro e o índio, vivem em perfeita harmonia, o racismo é tido como algo estranho à índole de nosso povo e as manifestações e preconceito contra a população negra (pretos e pardos) não passam de acontecimentos isolados e sem maiores consequências para os discriminados. Enfim, quando se fala ou pensa em racismo e conflitos raciais é comum as pessoas se lembrarem de África do Sul e EEUU, onde eles se manifestam de forma aberta e explícita, e quase nunca do Brasil. (MONTEIRO, 1989)²

É essa dificuldade de enxergar e lidar com o próprio preconceito que será abordada no segundo capítulo deste trabalho. Entre as principais falácias que envolvem essa questão, duas delas, especialmente, chamam a atenção. A primeira nega o racismo. Essa negação é demasiadamente forte no Brasil, em que a “‘o mestiço vira nacional’”, paralelamente a um processo de desafricanização de vários elementos culturais,

¹ HAAG, Carlos. Quase pretos, quase brancos. Disponível em <http://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2007/04/10-15-schwarcs-134.pdf>. Acesso em 21/02/2016.

² MONTEIRO, Jorge Aparecido. Raça e democracia. Disponível em: http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=arq_cultura&pagfis=8064&pesq. Acesso em 01/02/2016.

simbolicamente clareados” (SCHWARCZ, 2001, p. 28). É a ideia de que, aqui, a boa convivência se faz presente em tudo, até mesmo nos mais típicos pratos de comida.

A feijoada, por exemplo, até então conhecida como ‘comida de escravos’ a partir dos anos 1930 se converte em ‘prato nacional’, carregando a representação simbólica da mestiçagem. O feijão e o arroz remeteriam metaforicamente aos dois grandes segmentos formadores da população, e a eles se juntariam a couve (o verde das nossas matas) e a laranja (da cor do ouro). (Ibidem, p. 28-29)

A segunda falácia admite a existência do racismo. Ela consiste, porém, na crença de que, apesar de o racismo existir, ele não deve ser comentado. Assim sendo, o preconceito tenderia a sumir. Por certo, não é o silenciamento em relação ao absurdo que fará o absurdo sumir. Se há algo errado, deve ser combatido, e não consentido. O calamento em relação ao preconceito só pode alimentar o próprio preconceito, pois emudece as vozes militantes da igualdade racial. Mesmo assim, não é pouco comum ver indivíduos teoricamente esclarecidos, em posições de destaque, bradando a favor desse pensamento falacioso, como veremos adiante.

É também importante frisar que o conceito de raça, biologicamente, não se sustenta; é um prato feito para o discurso de nacionalidades, mas que não se comprova do ponto de vista genético. Mesmo assim, não estamos diante de uma falsa questão, pois “demonstrar as limitações do conceito biológico e desconstruir o seu significado histórico não levam a abrir mão de pensar nas suas implicações sociais”. (Ibidem, p. 35)

De um lado, o racismo persiste como fenômeno social, mesmo não mais justificado por fundamentos biológicos. De outro, no caso brasileiro, a mestiçagem e a aposta no branqueamento da população geraram um racismo *à brasileira*, que percebe antes colorações do que raças, que admite a discriminação apenas na esfera íntima e difunde a universalidade das leis, que impõe a desigualdade nas condições de vida, mas é assimilacionista no plano da cultura. (Ibidem, p. 35-36)

As mesmas ideias de nacionalidade e problemas sociais são comentadas por Sodré, mas em outras palavras. Ele chama atenção para a afeição das pessoas em relação às expressões “claros e escuros” no lugar de “brancos e negros”, como definidoras da descrição fenotípica dos indivíduos, isto é, a cor de pele. O fenótipo de

cada um serve de instrumento para a discriminação, embora, cientificamente, não seja o bastante para separar a raça humana.

Embora conscientes de raça só existe uma, a raça humana, consideramos que não se pode ocultar sob as veleidades filosóficas do Esclarecimento e do Progresso globalitários a reiterada importância dessas distinções que, embora insuficientes para fundar cientificamente o conceito de raça, sustentam socialmente a relação racial. Em torno disso, mantêm-se privilégios de classe, levantam-se barreiras imigratórias, legitimam-se discriminações alfandegárias, construíram-se e constroem-se identidades culturais ou nacionais. (SODRÉ, 2015, p. 9)

Em decorrência das diferenças fenotípicas, surgem profundas diferenças sociais, que são fruto de anos de escravidão. O Brasil ainda tem um agravante: foi o último país da América a aboli-la. Basta uma consulta aos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para constatar a desigualdade existente entre as populações branca e negra residentes no país, numa análise de renda mensal, expectativa de vida, localização residencial, entre muitos outros fatores. É isso que o terceiro capítulo deste trabalho vai procurar demonstrar.

A partir dos contrastes que serão evidenciados nesse terceiro capítulo, sobre as condições sociais em que vive a maioria dos negros da população (soma de autodeclarados pretos e pardos, segundo a nomenclatura usada pelo IBGE) e sobre representatividade que cada uma das cores que compõem a sociedade brasileira têm, é possível avançar para um quarto degrau neste estudo: a exclusão do negro no sensível. O que explica que um país com maioria negra, por exemplo, tenha raros parlamentares negros representando a sociedade? E por qual motivo essa sociedade, majoritariamente negra, não elege negros para representá-la? De que maneira é feita a partilha do comum a todos? São essas algumas das questões a serem abordadas e postas em reflexão.

De acordo com a distribuição das ocupações dos indivíduos é possível determinar quem toma parte no sensível, isto é, nas decisões do mundo – na política e na economia, por exemplo – e quem não toma. A população negra, em sua grande parte, é deixada de lado e não consegue ter condições de exercer sua cidadania. O artigo 1º da Constituição, assim, não sai do papel para a prática, já que as pessoas, desde o nascimento, não são iguais perante a lei. O que se configura na prática é que a cor da

pele determina uma série de acontecimentos na vida de alguém desde o seu nascer até a sua morte.

A partilha do sensível faz ver quem pode tomar parte no comum em função daquilo que faz, do tempo e do espaço em que essa atividade se exerce. Assim, ter esta ou aquela ocupação define competências ou incompetências para o comum. (RANCIÈRE, 2009, p. 16)

Isso pode ser comprovado numa simples observação ao espaço que é ocupado por negros dentro de setores de destaque da sociedade, como Congresso Nacional, por exemplo. Mas nem é preciso ir tão longe para concluir que o negro, de maneira geral, de acordo com suas atividades, bem como o tempo e o espaço em que as exercem, é deixado fora da tomada do sensível. Dentro da própria mídia, tanto na composição do quadro de profissionais dos jornais, rádios e televisões, quanto no espaço dado a negros nas telenovelas – ou até mesmo no destaque dado a notícias que envolvem essa parcela da população – fica clara a diferença baseada na cor da pele. Por esse motivo, abre-se um parêntese, que as cotas raciais surgem como forma de redistribuição dos espaços dentro do sensível. É uma maneira de reordenar e reparar diferenças históricas, democratizando a sociedade e, aí sim, objetivando a tolerância racial.

Mesmo assim, e mesmo com a legitimidade das cotas raciais sendo proclamada pelo Superior Tribunal Federal, esse mecanismo democrático enfrenta resistência grande dos setores dominantes da sociedade. E, sendo a mídia um dos principais tentáculos desses setores, os meios de comunicação, que têm forte alcance e influência na formação de opinião dos indivíduos, também impuseram dificuldades à implementação das cotas. Consequentemente, ao processo de redistribuição do sensível em quinhões.

Embora o antagonismo da imprensa tenha arrefecido consideravelmente desde que o Superior Tribunal Federal proclamou a legalidade e legitimidade das cotas, não se extinguiu realmente o *ethos* de ressentimento no âmbito dos intelectuais coletivos das classes dirigentes, dos quais a mídia é parte principal, enquanto espelho ideológico do *ethos* hegemônico. Por isso, é teórica e politicamente pertinente identificar as linhas gerais que marcaram a cobertura e, sobretudo, as diversas colunas e recortes de opinião, recorrentes em veículos impressos, de amplo alcance no território brasileiro, acerca da questão das cotas raciais. (SODRÉ, 2015, p. 317)

Fica claro, portanto, que a mídia, composta pelas classes dominantes e braço operário das próprias, trabalha para – e dentro – de uma lógica racista. E isso não se restringe apenas à temática de cotas, mas nos mais diversos assuntos. Formadora de opinião, direciona os sentimentos de uma massa, consciente ou inconscientemente, para os fatos que destaca, de acordo com o espaço dado para cada fato, repetição nos noticiários, entre muitos outros fatores.

Numa análise mais apurada da cobertura midiática na morte de Jaime Gold e nas mortes de Gilson da Costa Silva e Wanderson de Jesus Martins, o contraste fica evidente. Gold, branco, médico e assassinado na Lagoa Rodrigo de Freitas, Zona Sul do Rio de Janeiro, ganhou enorme espaço em todos os noticiários, bem como diversas declarações de pesar de figuras públicas. Já aos dois jovens – o primeiro estudante, o segundo carregador –, ambos negros e assassinados no Morro do Dendê, restou o lamento dos mais próximos e uma cobertura feita, basicamente, por um único veículo de comunicação, o Jornal Extra.

É, por fim, neste estudo de caso isolado que este trabalho procura chegar. Será feita uma comparação entre os dois maiores jornais do estado do Rio: O Globo e Extra. Ambos pertencentes à mesma empresa, mas com linhas editoriais independentes e completamente distintas. E, neste contexto, O Globo representou o pensamento conservador típico da elite para a qual escreve diariamente, numa militância para a manutenção da ordem social vigente. Já o Extra fez uma profunda cobertura dos assassinatos dos dois jovens.

Ainda é de se destacar que dentro do caso Jaime Gold, outro incidente marcou a apuração dos fatos. A testemunha-chave do atentado mencionou que dois jovens teriam participado da morte do médica, que andava de bicicleta, como fazia habitualmente. Um dos jovens seria negro, o outro seria branco. A delegada, porém, deu o caso como encerrado quando dois negros se apresentaram à polícia assumindo a responsabilidade pelo crime. No dia seguinte, um adolescente branco também se apresentou, e o caso teve uma reviravolta.

Por tais motivos, as mortes dessas três pessoas são um prato cheio para uma análise mais aprofundada sobre como a mídia lida com a questão racial; como os espaços são distribuídos de acordo com atividade, tempo e espaço. Os dois casos,

ocorridos quase que simultaneamente, deixam bem claro quem toma e quem não toma parte no mundo sensível de Rancière.

É evidente o caráter racista da mídia, que ordena através dos próprios critérios de noticiabilidade aquilo que importa e aquilo que não importa. E, neste aspecto, o que importa é a notícia daquele que toma parte nessa partilha. Fica nítido que quem é importante é o médico assassinado na Lagoa. Os outros dois, jovens do Dendê, possuem a mesma invisibilidade do personagem principal de “Homem invisível”, de Ellison. São excluídos da sociedade e, na lógica noticiosa, valem menos, ao contrário do que deveria se supor. Lembremo-nos: foram duas vidas perdidas no Dendê (e de dois jovens, o que, em geral, causa maior comoção), contra “apenas” uma perdida na Lagoa. É uma análise crua e fria dos fatos, mas que diz muito sobre a subjetividade dos critérios noticiosos.

2. O POVO BRASILEIRO E A METÁFORA DOS TRÊS RIOS

“Raça, no Brasil, sempre deu muito o que falar.”

(SCHWARCZ, 2001, p. 14)

Foi com essa afirmação que Schwarcz começou a dissertar sobre o preconceito racial, em “Racismo no Brasil”. Desde a chegada portuguesa na América, esta terra sempre foi representada a partir de sua gente e de sua natureza, numa comparação contrastante com a realidade branca europeia. Mesmo assim, falar sobre esse assunto por aqui é quase sempre motivo de dúvidas e embaraços.

Antes mesmo de o Brasil ter virado Brasil, quando era ainda uma ‘América portuguesa’, em pleno século 16 (sic), esse território já foi representado a partir de sua natureza e de seus nativos. (SCHWARCZ, 2001, p. 14)

No âmbito da natureza, a ideia geral era de um paraíso. Uma terra exuberante, com fauna e flora encantadoras, e um clima extremamente agradável, longe do frio gélido que assolava a Europa. Ou seja, uma verdadeira cópia do Éden, fruto da obra de Deus. Já em relação às “gentes” que aqui habitavam, o imaginário era oposto. Eram pessoas sem F, L e R. Isto é, sem fé, lei e rei. Dessa forma, um verdadeiro horror na concepção colonizadora, que aproximava o natural do céu e os nativos do inferno (Ibidem, p. 15).

Por mais que as imagens negativas não tivessem o impacto das inúmeras visões edênicas inspiradas pelas novas terras, o certo é que as fantasias sobre esses nativos locais aproximavam-se de um antiparaíso, ou até do inferno. (Idem)

O racismo surge, portanto, da incapacidade de lidar com a diversidade. A barbaridade está, justamente, na diferença, pois põe em xeque algumas das certezas que os indivíduos têm sobre si. Num ensaio datado de 1580, intitulado “Os canibais”, Montaigne se remete a esse contraste, inicialmente demonstrando tolerância e, depois, certo desespero com a alteridade.

[...] não vejo nada de bárbaro ou selvagem no que dizem daqueles povos; [...] cada qual considera bárbaro o que não pratica em sua terra... Por certo em relação a nós são realmente selvagens, pois entre suas maneiras e as nossas há tão grande de diferença que ou o são ou o somos nós. [...] Tudo isso é, em verdade, interessante, mas, que diabo, essa gente não usa calça! (Ibidem, p. 17-18)

As gentes locais eram, portanto, descritas e definidas como inferiores, produto do pensamento de repulsa dos colonizadores em relação ao diverso. Os costumes que causavam estranheza, como a nudez, eram retratados de maneira pejorativa. E isso tudo acontecia numa época em que o termo “raça”, que embora já aparecesse nos primeiros relatos da Nova Terra, nem mesmo era vinculado ao biológico. Isso só vai acontecer no mais tarde, como explica Schwarcz:

Foi só no século 19 que os teóricos do darwinismo racial fizeram dos atributos externos e fenotípicos elementos essenciais, definidores de moralidades e do devir dos povos. Vinculados e legitimados pela biologia, a grande ciência desse século, os modelos darwinistas sociais constituíram-se em instrumentos eficazes para julgar povos e culturas, a partir de critérios deterministas, e mais uma vez, o Brasil surgia representado como um grande exemplo; dessa feita, um “laboratório racial”. (Ibidem, p. 22)

Foi nesse época e contexto que o recém-criado Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro promoveu um concurso em que propunha um desafio: “Como escrever a História do Brasil”. Ou seja, em 1844 alguém iria contar (leia-se, construir) a história brasileira. E o grande vencedor foi um estrangeiro, ninguém mais ninguém menos que o botânico Karl Friedrich Phillip von Martius, o mesmo que havia, anos antes, de 1817 a 1820, feito uma viagem pelo Brasil em que percorreu 10 mil quilômetros, ao lado do zoólogo Johann Baptist von Spix, incentivado pelo rei Maximiliano José I da Baviera.

Como resultado dessa expedição, Martius produziu uma obra de três volumes intitulada “Viagem ao Brasil” (1834) e vários subprodutos, dentre os quais está “O Estado de Direito entre os autóctones no Brasil”, que data de 1932. Neste último, sobretudo, contribui para a visão pejorativa dos habitantes nativos, embora tenha exaltado a natureza local e desenvolvido um importante trabalho para o conhecimento botânico do país.

[...] permanecendo em grau inferior da humanidade, moralmente, ainda na infância, a civilização não altera o primitivo, nenhum exemplo o excita e nada o impulsiona para um nobre desenvolvimento progressivo. (Ibidem, p. 21)

Sendo assim, o estrangeiro Martius, grande vencedor do concurso, foi quem começou a “montagem” de uma história local. Vale lembrar que o país havia se tornado independente mais ou menos naquela época, em 1822. E, para contar sobre as gentes nativas, Martius optou por uma metáfora. Ele usou a figura de três rios, cada um simbolizando uma cor – branco, preto e vermelho. A história brasileira seria, portanto, um resultado dessa miscigenação.

Utilizando-se da metáfora de um poderoso rio purificador, correspondente à herança portuguesa, que deveria “absorver os pequenos confluente das raças Índia e Ethiopica”, o Brasil surgia representado pela particularidade de sua miscigenação. O país seria, portanto, o resultado futuro e promissor da convergência de três afluentes diferentes, que faziam as vezes das raças – a branca, a negra e a vermelha –, e sua singularidade ficava vinculada à conformação específica de sua população. (Ibidem, p. 23)

Para Martius, quem assumisse a tarefa de escrever a História do Brasil, jamais poderia perder de vista esses elementos, que confluíram para o desenvolvimento do homem no local. Além da fauna e da flora, a formação da população local é fundamental para compreensão da história do país que acabara de se formar, tornando-se independente da metrópole portuguesa.

São porém êstes elementos de natureza muito diversa, tendo para a formação do homem convergido de um modo particular três raças, a saber: a de côr de cobre ou americana, a branca ou caucasiana, e enfim a preta ou etiópica. Do encontro, da mescla, das relações mútuas e mudanças dessas três raças, formou-se a atual população, cuja história por isso mesmo tem um cunho muito particular. (MARTIUS, 1982, p. 32)

A monografia de von Martius, em si, tem uma visão bastante pertinente e engajada. Ela deixa bastante clara a diferença de volume entre os três rios, sendo o rio correspondente aos brancos portugueses o mais caudaloso, encarregado de absorver os demais. É, então, inviável pensar numa igualdade racial a partir desse raciocínio. Mas

essa distinção, porém, não impediu pensadores contemporâneos de interpretarem a metáfora dos rios como a comprovação de que a mestiçagem é sinônimo de tolerância.

2.1. A NEGAÇÃO DO RACISMO

Foi sob essa perspectiva de análise que o Magnoli propôs que Schwarcz pensasse a história brasileira, no Programa do Jô, transmitido pela TV Globo. Magnoli, que é um formador de opinião neste país, já que, além de colunista de O Estado de S. Paulo e O Globo, é comentarista de política internacional do Jornal das Dez (exibido na Globo News), concluiu que o trabalho de Martius apontava para a igualdade racial no Brasil.

Para Magnoli, na data em que Martius escreveu a monografia e comentou sobre a confluência entre três rios – o que significaria que o Brasil “falava em mescla” –, países como “Estados Unidos e Inglaterra falavam em separação”, com as criações de Serra Leoa e Libéria. “Por esse motivo”, disse ele, “gostaria de propor esse ponto de partida interessante para se pensar na ideia de nação (brasileira)”.³

Schwarcz elogia a questão levantada, mas rebate: “é preciso ler esse ensaio, pois ele diz que há um rio importante, caudaloso, que é o branco; há um rio mais ou menos, que faz muitas curvas, que é o rio negro; e há um rio pequenininho, que é um rio indígena. Essa hierarquia bate muito com a nossa formação, de que é um país que mistura inclusão com exclusão social”. A resposta vai de encontro ao que o trabalho do botânico prega:

[...] e tanto maior será a sua influência para o desenvolvimento comum, quanto maior for a energia, número e dignidade da sociedade de cada uma dessas raças. Disso necessariamente se segue o português, que, como descobridor, conquistador e senhor, poderosamente influenciou naquele desenvolvimento. (MARTIUS, 1982, p. 30)

A ideia de Demetrio Magnoli, embora tenha sido expressa recentemente, não tem nada de nova. Vem desde Gilberto Freyre. Foi este que, a partir do livro Casa Grande & Senzala, que data de 1933 a primeira edição, retomou a temática das três raças, mas de uma forma positiva que significava boa convivência, rompendo com a

³ Disponível em: <http://globoplay.globo.com/v/1944347/>. Acesso em 01/02/2016, às 15:00.

ideia antiga – e racista ao extremo – que o precedeu, de que a mestiçagem seria a maior mazela do Brasil. Este pensamento teve expoentes como Nina Rodrigues, Sílvio Romero e João Batista Lacerda, por exemplo, figuras notáveis da época, que tiveram a memória manchada pelos pensamentos racistas que difundiam.

É sobretudo nessa época contemporânea a Freyre que ocorre a nacionalização do mestiço, bem como a desafricanização de alguns elementos, incorporação do samba (antes marginalizado), regularização da capoeira, adoção da feijoada como prato típico e até mesmo criação de um personagem de Walt Disney, o Zé Carioca, que retrata a malandragem – que tem cor; é mestiça. Tudo tinha muito ritmo e Carmen Miranda, por exemplo, conquistava o mundo com música e frutas coloridas na cabeça. (SCHWARCZ, 2001, p. 28-30)

A falácia de um país racialmente democrático, que tem início com Gilberto Freyre, dura até hoje e se faz presente, de uma forma geral, no imaginário brasileiro. Além de Magnoli e sua interpretação equivocada do trabalho monográfico de Martius, há também outros formadores de opinião que vão pelo mesmo caminho. É o caso de Kamel, autor de “Não somos racistas”, livro que diz ser “uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor”, como mostra a própria capa da obra.

[...] a nossa miscigenação é uma realidade e derruba por terra o argumento de que somos estruturalmente racistas. Não podemos ser. Um dado, a miscigenação, desmente o outro, o racismo. (KAMEL, 2006, p. 103)

Para Kamel, o que existe no país é o preconceito “classista”, isto é, baseado em classes sociais. Seria essa a verdadeira razão para as “manifestações aparentemente racistas”. (Idem) A tese serve, inclusive, para tentar refutar as cotas raciais. Ao negar a existência do racismo e assumir que existe um preconceito de classe, o passo seguinte é negar a necessidade de tal política afirmativa para negros. O autor tenta sustentar a inexistência de pré-julgamentos a partir do fenótipo de pele.

Prova disso é que a grande parte das ocorrências de racismo se dão com negros que não são pobres. São barrados em hotéis de luxo, confundidos com motoristas, seguranças, quase sempre na suposição de que são pobres. Ou alguém imagina que a um branco, visivelmente pobre, seria permitido entrar nos salões sem problemas? O caso de Flávio Ferreira Santana, o dentista paulista negro assassinado por cinco policiais em 2004, exemplifica o que quero dizer. (Idem)

“[...] se os cinco policiais que o mataram eram também negros, [...] como falar de racismo? O dentista morreu porque foi confundido com um pobre”, conclui Kamel. Para ele, “o preconceito contra os pobres é tal que um pobre sempre encontra um mais pobre para descontar o preconceito que ele próprio sofre na pele”. (Ibidem, p. 103-104) Ora, o argumento por si só já soa contraditório. Como afirmar que pobres podem ter preconceito contra eles próprios, mas negros não podem se autodiscriminar?

É sabido que a autodiscriminação racial existe. Desde cedo, tudo aquilo que representa o fenótipo negro é dado como um valor negativo. Nada impede que um negro seja racista, que desgoste daquilo que lhe é próprio, como traços físicos, cor de pele, cabelo e muitos outros atributos. E o processo de autodiscriminação racial, que para Kamel não existe, representa um grande obstáculo para a quebra da paradigmática branquitude, como mostra Muniz Sodré em “Claros e escuros”:

Maior ainda, no entanto, pode ser o problema da autodiscriminação, devido à internalização pelo indivíduo escuro de imagens negativas de si mesmo. Por que maior? Porque se trata de processos inconscientes de autodesvalorização, difíceis portanto de serem submetidos ao escrutínio político ou racional. (SODRÉ, 2015, p. 267)

A autodiscriminação, por exemplo, nem mesmo chega a ser exclusividade brasileira. X, na década de 1960, já comentava sobre essa questão. O negro é ensinado a se odiar e não hesita em submeter-se a degradações físicas e morais pela dita integração com o homem branco, num desejo de ser igual, que vai desde a igualdade abstrata, refletida no reconhecimento social, até a aparência.

A ignorância que nós, da raça preta aqui na América, temos e o *ódio* por *nós mesmos* que possuímos são exemplos do que o senhor de escravos nos impingiu. (X, 1992, p. 244)

X possuía sete irmãos. Três eram apenas por parte de pai; quatro eram irmãos inteiros. Ele, o segundo mais novo, era o mais claro de todos (“claro”, aqui, é a forma como ele mesmo se referia à própria cor, e que vai de encontro à diferenciação fenotípica da qual Sodré fala). Por esse motivo, conta que o pai, mesmo sendo um negro antibranco, tratava-o melhor que aos demais. Seria a prova de que a autodiscriminação estaria de tal forma ligada ao pensamento dos negros, que eles próprios agiam de acordo

com normas invisíveis baseadas no cromatismo da pele. Até mesmo um negro que tinha raiva do homem branco.

Meu pai era também extremamente beligerante em relação a todos os filhos. Eu era a única exceção. Espancava os mais velhos quase brutalmente, se infringiam alguma de suas regras [...] acredito que meu pai, apesar de antibranco, estava subconscientemente tão afetado pela lavagem cerebral dos negros efetuada pelo homem branco que se mostrava propenso a dispensar um tratamento especial aos filhos mais claros. Naqueles tempos, a maioria dos pais negros tratavam as crianças mais claras melhor que as crianças mais escuras, quase que instintivamente. Era uma reação que provinha diretamente da tradição da escravidão, segunda a qual o “mulato”, por ser visivelmente mais próximo do branco, era “melhor”. (Ibidem, p. 18)

Outro ponto interessante que refuta o argumento de Kamel e extingue a possibilidade de só haver classismo em detrimento do racismo é que, mesmo quando negros e brancos estão em posição de igualdade, ocorre a depreciação do negro. X, em outro relato pessoal, consegue explicar como, de melhor aluno da turma e possível advogado de sucesso, o que desejava ser na época, passou a ser cotado apenas como um carpinteiro, de acordo com o conselho do professor de inglês da escola, Sr. Ostrowski.

– Malcolm, uma das primeiras necessidades na vida para cada um é ser realista. [...] Sabe que todos aqui gostamos de você. Mas tem que ser realista e encarar de frente os problemas de ser um *nigger*. Ser advogado... isso não é um objetivo realista para um negro. Deve pensar em algo que possa realmente ser. É muito hábil com as mãos, sabe fazer as coisas. Todo mundo admira os seus trabalhos de carpintaria. Por que não planeja tornar-se carpinteiro? Todo mundo gosta de você e tenho certeza de que teria sempre muitas encomendas. (Ibidem, p. 46)

Embora seja verdade que Kamel fale apenas do caso brasileiro (“querem nos transformar numa nação bicolor”; a nação, neste caso, o Brasil), os argumentos de X valem para toda América. Eles derrubam de maneira avassaladora a possibilidade de não haver racismo, mas somente um classismo que, como todo diagnóstico errado, mascara o real problema e dificulta o seu tratamento.

A maior questão nessa história toda, no entanto, não se trata da opinião de Kamel em si. Isolada, ela não causaria nenhum ou quase nenhum efeito na sociedade. A questão é a posição de destaque ocupada por ele, dentro do cenário midiático. O que Kamel fala ou escreve tem força, e não só reflete um pensamento comum entre os

brasileiros, como perpetua uma ideia de democracia racial que não existe. Ele é diretor geral de jornalismo da TV Globo, a maior emissora do país. É, portanto, uma das cabeças da emissora que faz a cabeça da sociedade brasileira.

É dessa forma que Kamel, além de ilustrar perfeitamente a ideia falaciosa de que nós vivemos num ambiente de tolerância e aceitação racial, encaixa com igual perfeição em outros exemplos que serão aqui comentados, como a influência da mídia na manutenção da ordem racista atual e na divisão em quinhões do sensível, como veremos adiante, seja de maneira consciente ou inconsciente.

2.2. A OCULTAÇÃO DO RACISMO

Nem todo o problema do racismo se deve à negação do próprio. Há também aqueles que, apesar de não negá-lo, preferem ignorá-lo, sob o pretexto de que é a melhor forma de combatê-lo. Essa é outra falácia. O ator norte-americano Morgan Freeman, além de exemplificar essa ideia, também pode ser considerado um exemplo de negro “contaminado” pela doutrina branca, como diria X. Em novembro de 2012, ele declarou ser contra o mês da Consciência Negra e, questionado sobre como o racismo deveria ser combatido, disse: “Parando de falar nisso.” A declaração foi aplaudida e compartilhada nas redes sociais por milhares de pessoas, e Freeman foi alçado – por militantes da manutenção da atual distribuição sensível – ao posto de “negro que não se vitimiza”. É a mesma lógica usada para negar o direito dos negros às cotas. Trata-se da exceção que age e é tratada como regra.

Além de um agradável e inegável comodismo, que prega ignorar os problemas para que eles sumam, a afirmação do ator ainda é um perigo para os movimentos de luta racial, pois vai justamente na contramão dos mesmos. Ele cai num senso comum de que a tolerância racial vai ser alcançada se pararmos de debater a questão. Esse silenciamento implica, direta ou indiretamente, em calar as vozes que gritam em denúncia dos males que o racismo já causou e ainda causa. Martin Luther King afirmava, em discursos, ser “muito cômodo esperar que as coisas sumam ignorando-as, mas chega um momento em que algo precisa ser feito”.

A cegueira de Freeman, porém, é outra bem distinta de Magnoli e Kamel. No caso dele, não se trata da negação do racismo, mas sim da sua ocultação. Para o ator,

esse preconceito está aí, presente na sociedade, embora não devesse ser um tema comentado. E, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, o racismo existe e pode ser comprovado através de dados. No caso brasileiro, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística fornece uma série de informações que permitem analisar a desigualdade por meio da cor.

3. IBGE COMPROVA DESIGUALDADES RACIAIS

Por herança dos tempos de escravidão – no Brasil abolida somente em 1888 –, a população negra está inserida, em sua maioria, entre as classes sociais mais baixas. Há, portanto, uma profunda relação entre a classe social e a cor da pele, fato que contribui para o argumento falacioso, como vimos, de que não há racismo neste país, e sim um classismo. Fato é que, a grosso modo, a depreciação da pele (justificada em explicações das mais diversas, de teor científico e até religioso) gerou escravidão e injustiça social; e a injustiça social, que acentuou contrastes entre brancos e negros, contribuiu – e contribui – para a perpetuação do preconceito a partir da cor da pele. É um ciclo vicioso, e um é a causa do outro, olhando de maneira menos aprofundada, mas didática.

Desde a abolição, os negros foram abandonados à própria sorte, sem qualquer política de integração, o que seria obrigatório se o objetivo real fosse a democratização da sociedade. Dessa forma, a escravidão foi encerrada no papel, mas na prática persistiu. Essa população, lançada à liberdade da noite para o dia, não tinha condições de se integrar num mundo já dominado por brancos.

A partir daí, as desigualdades entre brancos e negros ficaram evidentes em diversos aspectos. Comprovar com dados não é difícil. Basta uma consulta a alguns dos materiais fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para compreender o abismo que há entre essas duas grandes populações que compõem quase a totalidade do Brasil.

O IBGE faz uma série de pesquisas sobre assuntos diversos referentes ao país. Uma delas é a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), a qual, anualmente, divulga dados sobre características demográficas e socioeconômicas do Brasil. A PNAD referente ao ano de 2014 mostra que os negros (soma de autodeclarados pretos, 8,6%, e pardos, 45%) são 53,6% da população. Os brancos correspondem a 45,5%. Essas informações, por mais básicas que sejam, são cruciais para compararmos esses dois grupos daqui para frente.

Também é de extrema relevância analisar os elementos fornecidos pela “Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira”, a qual se combina com diversos outros dados do IBGE, sobretudo a PNAD, e consegue refletir com muito mais profundidade a realidade da sociedade brasileira. Daqui para

frente, vamos utilizar, principalmente, os dados fornecidos pela PNAD de 2013 (e não a de 2014 que foi citada anteriormente) e pela Síntese de Indicadores Sociais, também de 2013. Exceções serão esclarecidas, quando houver. Quando nada for mencionado, é que estamos tratando dos dados expostos por esses estudos que estabelecemos como “padrão” para este trabalho. Quanto à nomenclatura da cor de pele, utilizaremos sempre aquelas estabelecidas pelo IBGE neste estudo.

3.1. CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO NEGRA

Antes de prosseguir, é necessário abrir um parêntese. Se a população negra atual corresponde a, aproximadamente, 53,6% dos brasileiros, no passado a história foi diferente. O número de autodeclarados negros tem crescido nos últimos anos, de acordo com o IBGE. Como a classificação é feita por autodeclaração, ela depende de como o indivíduo se compreende.

De acordo com a PNAD de 2014, o número de pretos alcançou seu maior patamar na história: 8,6% da população. No ano anterior, por exemplo, estava em 8%. Um crescimento significativo de 0,6% de um ano para o outro. E, se observarmos uma década atrás, em 2004, os autodeclarados pretos eram apenas 5,9% do total de brasileiros, enquanto os brancos representavam 51,2%.

O fato é que o número de brancos, desde 2004, vem caindo ano após ano, com exceção apenas das passagens dos anos 2012 para 2013, em que essa população se manteve inalterada, representando 46,3% dos brasileiros. Já 2007 é marcante, pois representa a virada da população. Foi aí que pretos e pardos (isto é, negros) passaram a ser maioria no Brasil. Pelo menos no que diz respeito à autodeclaração.

O que se percebe é que cada vez mais brasileiros têm se entendido como negros e, por esse motivo, se autodeclararam assim. É nisso que acredita a técnica do IBGE Adriana Beringuy, que comentou esse aumento populacional negro para uma reportagem do El País, publicada em novembro de 2015, e descartou a possibilidade de esse crescimento ter relação com o aumento da taxa de natalidade entre indivíduos pretos e pardos.

Pode ser que também esteja aumentando a miscigenação entre as pessoas. [...] Mas o que estamos observando mesmo é a predominância da autodeclaração. (ROSSI, 2015)

O crescimento populacional dos negros, gerado, como vimos, sobretudo pela autodeclaração, é interpretado por muitos acadêmicos como um reflexo das políticas afirmativas adotadas pelo governo de anos para cá, que levaram à maior aceitação da própria cor e à reação de setores mais conservadores da sociedade, “dos quais a mídia é parte principal, enquanto espelho ideológico do *ethos* hegemônico” (SODRÉ, 2015, p. 317). As cotas raciais são um exemplo.

Ser negro não é apenas questão de nascença, mas sim um processo; um tornar-se, que às vezes demora anos ou décadas. É disso que fala uma matéria de Luara Vieira, para o blog “Blogueiras Negras”. No texto intitulado “A invisibilidade da estética negra: a dor do racismo sobre nossos cabelos”⁴, a autora comenta sobre a transformação visual que está passando, a qual não é apenas estética, mas também reflete uma aceitação de si.

Para conseguir fugir do padrão de beleza imposto pela sociedade de ter um cabelo liso, Luara conta que há mais de um ano ensaia a mudança, que para ela extrapola o estético, para se reconhecer como negra e enxergar o “cabelo como bonito independente do que a sociedade considere como belo”. É disso que Sodré fala com a expressão “valores estéticos tidos como racialmente positivos” (SODRÉ, 2015, p. 268). Ele refere-se à exaltação da estética branca dentro dos instrumentos de comunicação e propaganda, em detrimento da estética negra.

Sodré deixa claro que “negro” é um termo que “designa não apenas a cor da pele, mas também a identidade” (Ibidem, p. 269). Neste contexto, é muito difícil ensinar a uma criança negra que ela também é bonita, como mostra uma carta que o próprio resgatou, do ano de 1997, publicada na Folha de S. Paulo.

Como conseguir convencer uma adolescente, negra, filha de um branco, que ela é bonita? Quando ela vê propagandas – televisivas ou impressas – só aparecem brancos e brancas, bonitos, ressaltando uma possível inferioridade da sua beleza. (Ibidem, p. 268)

⁴ Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2013/09/24/a-dor-do-racismo-sobre-nossos-cabelos/>. Acesso em 01/02/2016.

O cabelo, aliás, é um elemento importante para tratar da cor. Ele é um dos maiores pontos de evidência da insatisfação dos indivíduos com eles próprios. A adjetivação dada ao tipo de cabelo deixa clara a influência dos meios de comunicação na questão racial. Estes fazem a diferença do que é esteticamente positivo e negativo, com a diferenciação entre “cabelo bom” e “cabelo ruim”. Sob esse influência, X relata a primeira “esticada” que deu em seu cabelo, ainda jovem, antes de virar uma referência para parte do movimento negro. O processo era extremamente doloroso:

[...] tive a sensação de que a minha cabeça estava pegando fogo. Cerrei os dentes e apertei com toda a força os lados da mesa. Parecia que o pente estava me arrancando a pele. Meus olhos ficaram cheios de lágrimas, o nariz começou a escorrer. Não conseguia mais aguentar. (X, 1992, p. 62)

Mesmo com a dor, a “vontade de embranquecer” era tamanha que fez todo o sofrimento ser logo deixado para trás. X relata a felicidade que sentiu naquele instante por ter se tornado, ao menos neste aspecto, igual a um branco. Era o desejo de igualdade racial que se materializava no corpo sob a forma de autodiscriminação.

Minha primeira olhada no espelho fez-me esquecer inteiramente a dor que sentira. Já tinha visto algumas cabeleiras esticadas sensacionais. Mas quando é a primeira vez, na nossa própria cabeça, depois de uma vida inteira de carapinha, a transformação é espantosa. [...] E no alto da minha cabeça estava aquela camada suave e lustrosa de cabelos vermelhos – vermelhos de verdade – tão lisos quanto o de qualquer branco. (Idem)

A conscientização só veio anos mais tarde, assim como para a autora Luara Vieira. X, depois, faz uma autoanálise: “Como eu era ridículo! E estúpido o bastante para ficar parado ali, imerso na admiração dos meus novos cabelos parecendo ‘brancos’ (...)”. (Ibidem, p. 62) Ele ainda vai além:

Foi o meu primeiro passo realmente grande a caminho da autodegradação: suportar toda aquela dor, literalmente queimar a minha carne, só para fazer com que meus cabelos ficassem parecendo com os de um branco. Eu me juntava à multidão de homens e mulheres negros da América que sofreram uma lavagem cerebral tão grande até acreditarem que os pretos são “inferiores” – e os brancos “superiores” – e que devem até mesmo violar e mutilar os corpos que Deus criou para tentarem parecer “bonitos” pelos padrões brancos. (Ibidem, p. 62-63)

X faz duras críticas aos negros que esticam o cabelo, o que, para ele, é “o emblema da vergonha que ele sente de ser preto” (Idem), e mostra admiração por aqueles que nunca tiveram essa prática ou que abandonaram-na. Ele também condena artistas e negros “da classe superior” que esticam seus cabelos, pois estes ainda servem de exemplo para os demais negros e, teoricamente, ensinam e legitimam a vergonha da própria cor (Idem).

Dada essa breve contextualização do “tornar-se” negro e do processo que é para um negro, de maneira geral, se aceitar, é possível prosseguir, enfim, para o próximo passo: a análise dos dados compartilhados pelo IBGE, a partir da PNAD e da Síntese de Indicadores Sociais. Fica evidente a defasagem entre negros e brancos no que diz respeito à educação, renda, trabalho e muitos outros fatores, mesmo com o nítido avanço na última década.

3.2. TAXA DE FECUNDIDADE

A fim de manter a ordem estabelecida no próprio estudo do IBGE, começaremos com números que exemplificam a disparidade entre as mulheres brancas e negras, no que diz respeito à taxa de fecundidade. Ora, sabe-se que a redução da taxa de fecundidade de um país deve-se ao aumento da urbanização, à maior participação das mulheres no mercado de trabalho, à elevação da escolaridade, à disseminação de métodos anticoncepcionais, entre outros fatores. Logo, se há grande diferença entre a fecundidade de mulheres brancas e de mulheres negras, obviamente há algo de errado. Pode-se inferir que há uma desigualdade social entre ambos os grupos em relação ao acesso a esses mesmos fatores, que entardecem (e, às vezes, anulam) a gravidez.

De forma mais didática, podemos dizer que, se negras possuem uma taxa de fecundidade claramente superior às brancas, é possível inferir que elas estão atrás das brancas em relação à escolaridade, mercado de trabalho e acesso a métodos anticoncepcionais, por exemplo. Torna-se clara a discrepância entre os dois grupos, já que o acesso a esses elementos não se dá de maneira equilibrada.

É notável que a fecundidade no Brasil caiu nos últimos anos. Em 2011, a taxa total foi de 1,95 filho por mulher. Mas, entre as brancas, a taxa foi de 1,63, enquanto entre as negras foi de 2,15. Há ainda outra observação: “a taxa de fecundidade das

mulheres brancas foi mais baixa em todas as Grandes Regiões”, como observa o IBGE, na “Síntese de indicadores sociais” referente ao ano de 2012. (p. 29)

Outro fator a ser levado em consideração é a fecundidade por grupos de idade. Neste caso, “a fecundidade das mulheres pretas ou pardas é mais rejuvenescida que a das mulheres brancas. Para pretas ou pardas, a fecundidade é mais concentrada no grupo de 20 a 24 anos de idade (29,6%), enquanto para as brancas existe uma maior concentração no grupo etário de 25 a 29 anos (25,5%). (p. 29)

Já a “Síntese” referente ao ano de 2013 também fornece dados valiosos – além de mais atuais – para a exemplificação da diferença brancas-negras. Um ponto importante é a desproporção entre as mulheres que permanecem sem ter filhos. Entre as brancas, na faixa de 15 a 49 anos, em 2012, uma média de 41,2% não tinha filhos. Já entre as negras, no mesmo período e na mesma faixa etária, apenas 35,5% não tinham. A diferença se acentua se analisarmos a faixa dos 20 aos 24 anos. Entre as brancas, nesta faixa, 69,7% não tinham filhos; já entre as negras, apenas 54,8% – pouco mais da metade delas. Isso mostra, entre outras coisas, como o acesso a métodos contraceptivos e à informação se dá de maneira diferente entre as mulheres, de acordo com a cor (e, também, classe social). E, adiante, nessa mesma “Síntese de indicadores sociais” do IBGE, referente a 2013 (p. 41), há um vasto detalhamento, de acordo com a cor ou raça, das mulheres com filhos por diversas regiões do Brasil. Em algumas regiões, de acordo com o grau de desenvolvimento, as disparidades são ainda mais nítidas entre negras e brancas.

3.3. FAIXA ETÁRIA

Em relação às pessoas com mais de 60 anos de idade, 44,4% são negras (8,1% preta e 36,3% parda). Os brancos somam 54,4%. Em outras palavras, observamos que há uma inversão na proporção de brancos e negros quando analisamos, em primeira instância, a população de maneira geral, e depois, apenas a parte da população com 60 anos ou mais.

A população, inicialmente 53% negra, passa a ser 44,4% negra; já os brancos, analisando-se todas as faixas etárias da sociedade brasileira, são 46% da população, e passam a ser 54,4% no grupo a partir de 60 anos. Moral da história: os negros vivem

menos que os brancos, o que pode ser atribuído, sobretudo, às diferenças socioeconômicas de cada um.

3.4. ESCOLARIDADE

A diferença pela cor também se acentua ao observar a escolaridade de negros e brancos. Entre muitos números, um que chama a atenção se refere ao percentual de brancos, entre 18 e 24 anos, que cursam o ensino superior: 66,6%. Já dentre os negros da mesma faixa etária, apenas 37,4% está na mesma situação. A maior parte destes, 44,2%, está no ensino médio, em comparação com 23,7% dos brancos, que também cursam o mesmo nível. Pior: 9% dos negros entre 18 e 24 anos ainda está no ensino fundamental, enquanto 2,6% dos brancos está neste nível.

A disparidade da média de anos de estudo entre indivíduos brancos e negros com 25 anos ou mais chama a atenção. Em 2002, os brancos tinham média de 7 anos de estudos, enquanto os negros atingiam apenas 4,9 anos. A média de ambos cresceu na última década, mas os brancos seguem com mais tempo: é uma média de 8,5 anos, diante de 6,7 anos para os negros. Isso significa dizer que, mesmo com os avanços de uma década, os números referentes aos negros em 2012 são inferiores aos dos brancos em 2002.

Já entre a população de 20 a 24 anos de idade (quase 16 milhões de brasileiros), quase 60% têm 11 anos ou mais de estudos. Destes com 11 anos ou mais de estudos, 70,9% dos brancos se enquadram nesta situação, enquanto 50,7% dos negros podem dizer o mesmo. (p. 136)

Há equilíbrio entre brancos e negros apenas quando avaliamos a população entre 25 e 64 anos de idade que ainda frequenta a escola. Diga-se de passagem, não é um bom quesito para ser o único que revela igualdade. Num universo de mais de 100 milhões de brasileiros, apenas 4,7% estão nesta situação. Exatamente 4,5% dos negros nesta faixa etária frequenta a escola, enquanto 4,8% dos brancos faz o mesmo.

A taxa de analfabetismo também sofreu grandes modificações na última década, apesar dos ainda altos índices apresentados pelo IBGE. Entre os negros com mais de 15 anos de idade, 17,3% eram analfabetos em 2002. O número caiu para 11,8% em 2012.

Já entre os brancos, a taxa de analfabetos acima de 15 anos era de 7,5% em 2002, e caiu para 5,3% em 2012.

Dentre as pessoas com 15 anos ou mais de idade que frequentam cursos de educação de jovens e adultos ou supletivo, os negros são grande maioria: representam 63,8% desses estudantes, enquanto os brancos são 34,7%, num universo de quase 1,5 milhão de estudantes.

3.5. TRABALHO

As desigualdades não ficam restritas ao âmbito educacional, mas também estão presentes no mundo do trabalho. Em 2002, 63,8% da população negra trabalhadora estava entregue à informalidade, enquanto 48,5% dos brancos estavam em situação análoga. Já em 2012, mesmo com um avanço inegável, 49,6%, isto é, quase a metade da população negra está entregue ao trabalho informal, enquanto 36% dos brancos trabalhadores estão na mesma situação. O número é ainda mais impressionante se olharmos apenas para o estado do Maranhão, no qual 80% dos negros que trabalham estão no trabalho informal. E, como a população preta ou parda se distribui de maneira não uniforme nas unidades da federação, o percentual varia. Mas chama atenção, por exemplo, o estado de Santa Catarina: lá, os pretos e pardos representam menos de 20% da população, mas o percentual destes em trabalhos informais é de 30,4%. Já na Bahia, que negros são quase 80% da população, o percentual deles em trabalhos informais é de 61,6%, conforme demonstra a PNAD 2012, do IBGE.

A partir desses dados, é de se destacar que o percentual de negros entregues à informalidade “hoje” (2012) é superior ao número de brancos entregues à informalidade “ontem” (2002). Isto significa que, mesmo com uma redução significativa do trabalho informal para os negros (inegáveis avanços) e todo o progresso que foi obtido de lá para cá, essa parcela da população, ainda hoje, está atrás de um dado que os brancos tinham há uma década. Em outras palavras, existe uma década separando a informalidade de negros e brancos. O mesmo pode ser dito da taxa de analfabetismo que vimos anteriormente.

3.6. RENDA

Além das desigualdades no acesso à educação e na formalização do trabalho, os negros ainda se veem em situação desfavorável no que diz respeito à renda. De acordo com a Síntese de Indicadores Sociais de 2013, do IBGE:

historicamente, pretos e pardos apresentam indicadores sociais desfavoráveis [...] fruto ainda da histórica exclusão social de amplos segmentos de pretos e pardos, inserções diferenciadas no mercado de trabalho, acessos desiguais a uma série de bens e serviços, entre diversos outros fatores estruturantes da sociedade brasileira nessa perspectiva”. (p. 178)

Se dividirmos a população brasileira em 10 partes, veremos que 14,1% da população negra está enquadrada no 1º décimo, correspondente aos mais pobres, enquanto apenas 5,3% da população branca compõe essa camada. E, se seguirmos nessa ordem, constataremos que, quanto mais nos aproximarmos no décimo mais rico, menor será o percentual de negros – e maior será o de brancos. Ou seja, num gráfico, são duas linhas opostas: a linha que representa os negros começa no topo, com um alto número de indivíduos ocupando o lugar destinado aos mais pobres da população, e vai descendo gradativamente a cada décimo, à medida em que a renda per capita vai subindo; já a linha destinada aos brancos é oposta: começa embaixo, com poucos indivíduos entre os mais pobres e vai subindo conforme se aproxima do décimo destinado aos mais ricos.

Outra maneira de analisar a desigualdade econômica é estudar quem compõe os 10% mais pobres da população e o 1% dos mais ricos, destacando esses extremos. No segmento do 1% mais rico da população, 81,6% são brancos e 16,2% são negros. Já entre os 10% mais pobres, 75,6% são negros, enquanto 23,5% são brancos. (p. 198)

3.7. VIOLÊNCIA

O último fator abordado neste estudo, a violência, vem por último. Não por ser menos importante que os demais, mas por uma questão logística de não conter dados extraídos diretamente do IBGE. Assim, é o último item para facilitar a compreensão e para manter a organização deste trabalho.

A violência não atinge a todos da mesma maneira. Ela tem um caráter seletivo e, dentro dessa seletividade, escolhe, principalmente, homens negros. Em reportagem do Jornal Extra publicada em 2015, o jornalista Breno Boechat faz uma análise dos dados contidos em “Homicídios na adolescência no Brasil”, estudo que faz parte do Programa de Redução da Violência Letal contra Adolescentes e Jovens (PRVL)⁵.

A cada dez minutos, uma pessoa é assassinada no Brasil. Em um grupo de mil adolescentes entre 12 e 19 anos, cerca de 35 vão ser vítimas de homicídio antes de completarem 20 anos. Meninos têm 12 vezes mais chances de fazer parte dessas estatísticas que meninas. Meninos negros têm três vezes mais chances de serem assassinados que os brancos. Se o garoto for negro e morar na Paraíba, a relação é 13 vezes maior. (BOECHAT, 2015)

Natália Damazio, advogada e representante do Justiça Global, um organização não governamental que trabalha na proteção dos direitos humanos, classifica a violência contra o jovem negro de “genocídio”. E a mesma seletividade ocorre no caso das mulheres, como evidencia reportagem do El País.

[...] o assassinato de mulheres brancas caiu 10% na última década (2003 a 2013), enquanto o de mulheres negras subiu 54%. O mesmo acontece com os assassinatos por arma de fogo. Enquanto entre a população branca houve queda de 23%, a quantidade de vítimas negras cresceu 14% entre 2003 e 2012. (ROSSI, 2015)

E, embora não se trate essencialmente de violência, vale destacar outro tipo de seletividade: a dos desastres. No caso da tragédia de Mariana (MG), em 2015, quando rompeu-se a barragem de rejeitos da mineradora Samarco, o Professor Luiz Jardim Wanderley publicou um estudo intitulado “Indícios de racismo ambiental na tragédia de Mariana: resultados preliminares e nota técnica”⁶.

A partir desse trabalho, foi publicada uma reportagem no site da organização não governamental Justiça Global, que mostra como “os desastres socioambientais não afetam as populações de maneira uniforme”⁷. O estudo de Wanderley, que toma o

⁵ Disponível em: http://observatoriodefavelas.org.br/wp-content/uploads/2015/01/IHA_2012.pdf. Acesso em 27/02/2016.

⁶ Disponível em: <http://www.ufjf.br/poemas/files/2014/07/Wanderley-2015-Ind%C3%ADcios-de-Racismo-Ambiental-na-Trag%C3%A9dia-de-Mariana.pdf>. Acesso em 27/02/2016.

⁷ Disponível em: <http://global.org.br/arquivo/noticias/racismo-ambiental-no-desastre-em-mariana/>. Acesso em 27/02/2016

Censo 2010 do IBGE como base, constata que os impactos do desastre foram maiores em locais onde predomina a população negra, a qual habita áreas “mais inseguras e mais expostas aos riscos da atividade mineradora”. É, novamente, a cor da pele ligada à condição social, juntamente com uma invisibilidade diante dos olhos das autoridades, que acarreta numa maior vulnerabilidade desse segmento da população. Isto é, uma maior propensão ao dano, de acordo com o conceito de “sociedade de risco” cunhado por Beck.

4. A EXCLUSÃO DO NEGRO NO SENSÍVEL

A sociedade brasileira, como bem demonstram os dados do IBGE e outras pesquisas mencionadas anteriormente, é dividida de maneira desigual. Perdura a herança escravocrata, tanto na visibilidade da organização social (nitidamente), quanto na invisibilidade do racismo inconsciente de cada um – e aqui estão incluídos brancos e negros. Decorre dessa estrutura – que tem cor de pele estabelecida – a definição de quem participa das tomadas de decisão no mundo sensível, que é essencialmente aquilo que define quem é e quem não é cidadão, na concepção aristotélica.

O cidadão, diz Aristóteles, é quem *toma parte* no fato de governar e ser governado. Mas uma outra forma de partilha precede esse tomar parte: aquela que determina os que tomam parte. O animal falante, diz Aristóteles, é um animal político. Mas o escravo, se compreende a linguagem, não a “possui”. Os artesãos, diz Platão, não podem participar das coisas comuns porque eles *não têm tempo* para se dedicar a outra coisa que não seja o trabalho. (RANCIÈRE, 2009, p. 15-16)

Rancière, dessa maneira, ao evocar Aristóteles e Platão, dois dos mais célebres filósofos gregos, mostra que o fazer parte do mundo sensível requer, essencialmente, o fazer parte das tomadas de decisão, e isso está obrigatoriamente ligado à atividade exercida, ao tempo e ao espaço em que o indivíduo está inserido. Só pode experimentar a política aquele que está corretamente inserido, levando-se em conta esses três fatores principais.

É um recorte dos tempos e dos espaços, do visível e do invisível, da palavra e do ruído que define ao mesmo tempo o lugar e o que está em jogo na política como forma de experiência. (Idem)

É pela forma como se deu a definição das atividades, do tempo e do espaço para os negros, fruto do abandono à própria sorte com uma abolição que não objetiva a democracia racial e a ordem social, que essa parcela da população, numa comparação geral com a população branca, vive excluída da política, como se estivesse sob uma capa de invisibilidade.

O negro, presente em grande parte na periferia, é invisível para os olhos da sociedade, como demonstra Ellison. O autor de “Homem invisível” faz dura crítica à

estrutura social norte-americana, que insiste e luta para não enxergar o negro. Segundo ele, o fim da escravidão não significou a possibilidade de a população negra tomar parte do sensível de Rancière.

Não sinto vergonha de meus avós terem sido escravos. Só sinto vergonha de mim mesmo, por um dia ter me sentido envergonhado. Há cerca de oitenta e cinco anos atrás, disseram a eles que estavam livres, unidos aos demais de nosso país em tudo o que pertencesse ao bem comum; e, em relação a tudo o que dissesse respeito à sociedade, estavam separados como os dedos da mão. E eles acreditaram naquilo. (ELLISON, 2013, p. 37)

Ellison produz um romance em que ficciona a realidade. Isto é, através de uma visão ficcional, propõe alternativas ao real. Ou, nas palavras dele, tenta “dizer a verdade enquanto conta realmente uma ‘mentira’”. (Ibidem, 21) Trata-se de, através da escrita, espelhar o modelo social norte-americano e, simultaneamente, questioná-lo para provocar mudanças. Sobre isso, James Wood decretaria: “[...] literatura é, ao mesmo tempo, artifício e verossimilhança”. (XAVIER, 2015, p. 60)

Verdade. Este é o grande tesouro a ser extraído de toda história, especialmente as ficcionais. Uma boa história tem que ser verdadeira, mesmo quando totalmente inventada. (Ibidem, p. 28)

A veracidade da história de Ellison reside, justamente, na exposição do racismo dos Estados Unidos – e que se aplica ao Brasil. Ele, que é negro, retrata com perfeição um mundo do qual faz parte e conhece bem. Utiliza um narrador-personagem que está em busca de sua identidade, que nem sequer tem nome (o que harmoniza com a proposta de torná-lo invisível) e que fala abertamente sobre a própria invisibilidade: “[...] as pessoas se recusam a me ver [...]” (ELLISON, 2013, p. 24).

Romances. De onde os escritores tiram suas histórias, se não das camadas mais profundas de suas experiências de vida? Anne Lamott afirma que “escrever nos motiva a olhar a vida mais de perto”, “escrever bem é contar a verdade” e que “um escritor busca a verdade e, paradoxalmente, conta mentiras a cada etapa do caminho”. (XAVIER, 2015, p. 54)

Ellison também não hesita em descrever um mundo totalmente pintado de branco e preto. É uma maneira de realçar o contraste dos Estados Unidos da época, bem

como de fisgar a atenção do leitor. Para isso, sempre menciona quando determinado objeto possui essas duas cores, chegando a repetir os dois termos por diversas vezes num mesmo parágrafo, quando preciso.

Num dos lados, vi uma freira branca, vestida de preto, rezando o terço, e, postada diante da porta do outro lado do corredor, havia outra vestida completamente de branco, exata duplicata da primeira, com exceção de que era negra e tinha os pés negros à mostra. Nenhuma das freiras olhava para a outra, mas para seus crucifixos, e, de repente, eu ri, e uns versos que ouvira [...] se parafrasearam na minha cabeça. *Pão e Vinho, / Pão e Vinho, / Tua cruz num é nem de longe / Tão pesada quanto a minha...* (RANCIÈRE, 2013, p. 438)

As injustiças marcam a trajetória do narrador-personagem invisível do início ao fim, e são praticadas por brancos e por negros, comprometidos em manter o *status quo* branco. Em dado momento, o protagonista arruma um emprego numa fábrica de tintas, cujo carro-chefe era a tinta branca, conhecida como “branco óptico”, a mais vendida entre todas as outras e a mesma que pintava a casa presidencial. Nota-se, assim, a ironia de Ellison para comentar quem mandava no país: os brancos.

– Por que a tinta branca em vez das outras? [...] – Porque nós realçamos ela desde o início. Fizemos a melhor tinta branca do mundo, não dou a mínima pra ninguém reparar. Nosso branco é tão branco que você pode pintar um pedaço de carvão e teria que quebrá-lo em dois com um martelo de forja pra provar que ele não é completamente branco! (ELLISON, 2013, p. 227)

Com humor, o autor mostra que a tinta branca que domina o país – e a tinta que era usada pelo governo – é tão potente que é capaz até de fazer o que não é branco passar a ser. Ela pinta de tudo e não sai. Ou seja, Ellison demonstra como a lógica do pensamento branco, o pensamento hegemônico nos Estados Unidos daquela altura, é capaz de se perpetuar de tal forma que até mesmo os negros, doutrinados, agiriam de acordo com as normas invisíveis brancas, que constituem um paradigma da branquitude difícil de ser quebrado. Trata-se da materialização da ideologia dos brancos.

Quando a ideologia, que é a vontade *abstrata* do universal e sua ilusão, se encontra legitimada na sociedade moderna pela abstração universal e pela ditadura efetiva da ilusão, ela já não é a luta voluntarista do parcelar, mas seu triunfo. (DEBORD, 2015, p. 137)

Em outra metáfora, ocorre um acidente nessa fábrica na qual o personagem de nome desconhecido – e, este detalhe, totalmente relevante para o sentido da trama – sofre um acidente. Uma máquina que continha litros dessa poderosa tinta branca se rompe e ele acaba arremessado “para dentro de uma rajada úmida de vazão negro, que era, de certo modo, um banho de branquidão”. (ELLISON, 2013, p. 239).

É dessa maneira que o narrador-personagem é fagocitado pelo mundo branco, metaforizado pela fábrica de tintas: “Parecia haver perdido todo o senso das proporções. Onde terminava o meu corpo e onde começava o mundo branco e de cristal?” (Ibidem, p. 247) É nesse mundo com uma ideologia branca consolidada que ocorre a construção da personalidade do protagonista. E é difícil saber a fronteira entre ele e essa realidade.

4.1. O PAPEL DA MÍDIA NA PERPETUAÇÃO DO RACISMO

A mídia tem papel de destaque na consolidação de uma ideologia. É ela que, através dos critérios de noticiabilidade, dita o que está em pauta. Ou seja, é ela que exclui ou põe em evidência, torna invisível ou visível, divulga ou omite certos fatos, e, por que não, certos indivíduos. A mídia, assim, significa o próprio poder – e o poder, sabemos, é partilhado de forma desigual. Está distribuído nas mãos de poucos, e brancos.

Os brancos têm jornais, revistas, rádios, porta-vozes para explicar suas ideias. Se quiserem contar ao mundo uma mentira, podem fazê-lo tão bem que ela se torna verdade [...]. (Ibidem, p. 157)

Ao jogar luz em determinados fatos, a mídia determina o que está e o que não está em debate. Dessa forma, tem o poder de decidir o que será discutido pela sociedade. Por esse motivo, inclusive, a não discussão de um tema como o racismo, por exemplo, tem caráter essencialmente racista. Coloca, pois, debaixo do tapete a temática e contribui para a segregação racial.

O conceito de agendamento foi introduzido num artigo dos acadêmicos Maxwell McCombs e Donald Shaw, publicado em 1972 [...]. A teoria inicialmente postulava que os *media* podem não dizer às pessoas como pensar sobre os assuntos, mas são bem sucedidos ao dizer às pessoas no que pensar. Mas, depois de mais de vinte anos de investigação sobre a teoria do

agendamento, [...] McCombs e Shaw sustentaram que a teoria [...] é muito mais que a asserção de que as notícias influenciam aquilo em que as pessoas pensam. (TRAQUINA, 2013, p. 15)

Essa exposição da marcação de agenda, porém, “foi virada de pernas para o ar” (Ibidem, p. 16). De acordo com investigações recentes que exploram as consequências do agendamento sugerem que os *media* “não só nos dizem no que pensar, mas também como pensar nisso e, conseqüentemente, o que pensar.” (Ibidem, p. 16)

É a mídia que acaba confirmando a importância das coisas. Pelo mesmo pressuposto de que a mídia nos transmite o que é relevante, tendemos a classificar como não importante aquilo que fica de fora do quadro midiático. O narrador-personagem de Ellison, em determinado momento, acaba entrando numa espécie de sociedade que, em tese, trabalhava para o bem da comunidade negra. O protagonista invisível tem a sensação de participar de algo grandioso, mas fica inseguro quanto à grandiosidade da organização, já que nunca a vira em quaisquer veículos de comunicação.

[...] eu tinha a sensação de estar presente na criação de importantes acontecimentos, como se uma cortina se tivesse aberto e me permitissem vislumbrar como o país funcionava. Todavia, nenhum desses homens era bem conhecido ou, pelo menos, eu nunca vira seus rostos nos jornais. (ELLISON, 2013, p. 310)

Está, portanto, tudo conectado. A distribuição dos espaços e das atividades, em determinado tempo, é dada de maneira desigual, sobretudo para a população negra. Isso se comprova, entre muitas outras maneiras, pelos dados do IBGE. E a mídia, em sua agenda, contribui direta ou indiretamente para tornar invisíveis certos segmentos sociais, o que exclui essas camadas do direito à cidadania na concepção aristotélica. O negro é muito afetado, por questões seculares óbvias que já foram comprovadas. Tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos de Ellison, a invisibilidade torna-se marca de alguns indivíduos, a depender da cor da pele.

5. O CASO DAS MORTES DO MÉDICO JAIME GOLD E DOS JOVENS GILSON DOS SANTOS E WANDERSON MARTINS

A cobertura da mídia nos episódios das mortes do médico Jaime Gold (branco), na Lagoa Rodrigo de Freitas, Zona Sul do Rio de Janeiro, e dos jovens Gilson dos Santos e Wanderson Martins (negros), ambos no Morro do Dendê, na Ilha do Governador, Zona Oeste do Rio, é emblemática para se discutir a questão da raça – que não existe, do ponto de vista biológico, como já comentamos – e dos meios de comunicação. É um bom retrato do que vimos sobre agendamento.

Os crimes ocorreram no dia 19 de maio. Jaime Gold foi atacado a facadas no início da noite, enquanto andava de bicicleta, como fazia habitualmente. Morreu na madrugada seguinte. Depois de horas de cirurgia, não resistiu aos ferimentos. Já Gilson dos Santos e Wanderson Martins morreram na hora, baleados, numa operação da Corregedoria da Polícia Civil para apreender máquinas caça-níqueis.

Enquanto o primeiro ganhou amplo destaque nos noticiários televisivos, impressos e digitais, bem como a mobilização de autoridades políticas, o segundo caso foi empurrado para debaixo do tapete, assim como sua cobertura ficou restrita, praticamente, ao Jornal Extra. Este veículo, inclusive, chegou a fazer uma abordagem comparativa e crítica entre as duas situações, ao estampar em sua manchete do dia 21 de maio um apelo à sociedade. Cobrindo, praticamente, toda a primeira página, com um fundo negro, o diário dizia: “Crime bárbaro na Lagoa choca o Rio”, no dia 21 de maio. Mas, em letras ainda maiores, enfatizou: “Só não se esqueçam de Gilson e Wanderson”. Abaixo do apelo da manchete, o Extra explicava:

Como em qualquer lugar do mundo, crimes em pontos turísticos têm maior repercussão. Mas, no Dendê, mães choram a morte de seus filhos em ação da polícia e esperam que o caso não caia no esquecimento. (EXTRA, 21 de maio de 2015)

No caso do Jornal Extra, ainda é curioso observar o abismo existente entre este diário e seu “irmão mais velho”, o jornal O Globo. Este último, na capa do mesmo dia 21 de maio, apenas estampou, na primeira página, a chamada, na parte de cima da dobra: “Tragédia anunciada choca o Rio”. Nenhuma referência aos dois assassinatos no Morro do Dendê.

Nos dias subsequentes, a diferença entre os dois veículos, a julgar pela capa, manteve-se em evidência, inclusive no tratamento dado à cobertura da morte de Gold. Enquanto o Extra estampou a manchete “Duas tragédias antes da tragédia”, acrescentando em letras garrafais “Sem família” e “Sem escola”, em referência à apreensão de um jovem (negro), de 16 anos, acusado de ter participado do homicídio do médico – providências foram tomadas com urgência e, rapidamente, apareceu um possível culpado –, O Globo foi econômico e decretou: “Suspeito tem 16 anos e 15 crimes”. Dessa forma, enquanto o primeiro diário adota um viés mais humanizado e levanta um debate sobre as diferenças sociais, o segundo joga toda a responsabilidade do delito no infrator. Dessa maneira, o jovem não é um produto da sociedade, como sugere o Extra, mas sim um produto de si mesmo, que escolheu o caminho do crime.

Vale lembrar, especialmente, que O Globo é a favor da redução da maioria penal, e assim se posiciona em seus editoriais. Essa informação se faz necessária, sobretudo, para compreendermos o papel da edição do jornal. Se na capa a manchete culpava o menor, a reportagem no miolo do jornal apresentava um viés muito mais próximo do Extra, ou seja, mais humanizado e socialmente consciente. É uma espécie de desafinada sutil, mas perceptível aos ouvidos mais cuidadosos. Nota-se que quem apurou, o repórter, não está em harmonia com quem editou – este que, de fato, manda e molda como as pessoas devem pensar. Basta lembrar, por exemplo, que muitas pessoas não compram o jornal, mas apenas veem ele exposto na banca. Outras não leem a reportagem, mas apenas o título. E ainda há aquelas que mesmo lendo a matéria, por falta de capacidade interpretativa, moldam a leitura e constroem suas opiniões a partir da manchete.

É interessante observar que o enfoque diferenciado entre os dois jornais pertencentes à Infoglobo, do Grupo Globo, suscitou teorias da conspiração. Para alguns, cada diário estava apenas dialogando com o seu público. O Globo, consumido pela elite, focava na tragédia na Lagoa; já o Extra, que tem 92% das vendas para as classes B e C, estaria conversando com seu público-alvo particular.

O argumento vai por água abaixo numa rápida observação da repercussão nas redes sociais. Basta passar na página do Extra no Facebook para perceber a chuva de críticas que o jornal recebeu por “estar defendendo bandidos”, de acordo com boa parte dos usuários da plataforma. Raros foram os comentários elogiosos, o que significa que o

público-alvo do jornal, suspostamente para o qual o Extra teria tentado agradar através de sua cobertura, ficou extremamente descontente. Em reportagem publicada no *Observatório da Imprensa*, Moretzsohn descreve a situação com precisão:

[...] um jornal precisa fazer jornalismo, e isso significa frequentemente desagradar o seu público. Se um jornal diz apenas o que seu público quer ouvir, ele o aliena: é preciso apresentar-lhe as contradições da sociedade e não alimentar a ilusão de que é possível viver numa bolha, de que os malfeitores são uma espécie alienígena que vem atacar os cidadãos “de bem” e que basta trancafiá-los – ou exterminá-los – para passarmos a desfrutar de um mundo harmonioso como o de um anúncio de margarina. (MORETZSOHN, 2015)

Além disso, é de se destacar que a pressa por achar rapidamente os responsáveis pela execução do médico Jaime Gold acarretou num erro grave da polícia. A testemunha-chave do crime, um frentista que trabalhava no posto localizado do outro lado da rua, dizia que um dos assaltantes era negro e outro era branco. A delegada Patrícia Aguiar, da Divisão de Homicídios, porém, ignorou essa informação. Quando o segundo adolescente (o primeiro era negro e este também) se apresentou à polícia declarando ter participado do crime, Aguiar deu o caso por encerrado em entrevista na televisão⁸. Na ocasião, disse: “O primeiro menor foi quem deu as facadas. [...] Para a polícia, o caso está encerrado. Não há a menor dúvida da participação dos dois neste crime”.

Esse segundo adolescente, que era acusado de ser um dos culpados, estava em casa na hora do homicídio, de acordo com diversos parentes e defesa. E, logo após essa declaração da delegada, outro menor se apresentou à polícia, desta vez nas características compatíveis com o depoimento da testemunha-chave (branco), e o caso teve uma reviravolta.

No fim, o primeiro e o terceiro menores foram condenados à pena máxima de três anos de internação num centro de medidas socioeducativas, por crime análogo ao latrocínio, sendo essa pena reavaliada a cada seis meses, já que os dois são menores de idade. Já a cobertura midiática, ao longo dos desdobramentos do caso e da frieza da notícia, foi ficando cada vez menor. Mesmo assim, o caso fez parte dos noticiários por muito tempo e de vez em quando reaparecia, para atualizar o público das decisões ou

⁸ Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/05/policia-diz-que-2-menor-apreendido-acusa-o-1-de-ter-esfaqueado-medico.html>. Acesso em 02/03/2016.

possíveis decisões judiciais em relação aos menores envolvidos. Já o caso dos jovens mortos no Dendê caiu no esquecimento.

5.1. SER OU NÃO SER NOTÍCIA

O debate sobre as coberturas jornalísticas nos dois casos mencionados é longo. Envolve uma diferença clara de tratamento por parte dos veículos de comunicação, tanto no que diz respeito à linguagem adotada (que reflete uma ideologia), quanto no que diz respeito aos espaços dados a cada caso. Mas, por fins de tentar simplificar e identificar a causa dessa diferença, vamos à teoria: o que, afinal, é notícia?

De acordo com um estudo de 1979 de Herbert Gans, o principal fator que define um fato ser ou não notícia é a proeminência de seu ator principal. O presidente dos Estados Unidos, por exemplo, sempre é notícia; pessoas pouco abaixo nessa hierarquia política também, como ministros, por exemplo; e pessoas “conhecidas”, mas de menor relevância, quando envolvidas em escândalos, idem. Já os anônimos só viram notícias quando:

a) são manifestantes, grevistas ou amotinados – indivíduos que fazem barulho ou provocam tumultos; b) são vítimas de desastres, naturais ou sociais; em particular na te-levisão, quando há imagens fortes; c) são transgressores das leis e da moral; e d) são praticantes de atividades invulgares. (TRAQUINA, 2013, p. 66)

O estudo de Gans mostra que a maior parte do noticiário está ligado às atividades do governo, que representa entre 45% e 56% do volume total de notícias. Além disso, há crimes, escândalos e investigações, protestos, desastres e o insólito. Evidentemente, o estudo não está completo e não menciona outras categorias noticiosas, como o entretenimento, cada vez mais forte com o advento das redes sociais, até por ter sido feito há quase quatro décadas. Mas, na base, pouca coisa mudou de lá para cá, o que significa que há uma sólida espinha dorsal definidora do noticiário.

Em resposta à pergunta “como é que os acontecimentos se tornam notícia”, Galtung e Ruge enumeram doze valores-notícia: 1) a frequência, ou seja, a duração do acontecimento; 2) a amplitude do evento; 3) a clareza ou falta de ambiguidade; 4) a significância; 5) a consonância, isto é, a facilidade de inserir o “novo” numa “velha” ideia que corresponda ao que se espera que

aconteça; 6) o inesperado; 7) a continuidade, isto é, a continuação como notícia do que já ganhou noticiabilidade; 8) a composição, isto é a necessidade de manter um equilíbrio nas notícias com uma diversidade de assuntos abordados; 9) a referência a nações de elite; 10) a referência a pessoas de elite, isto é, o valor-notícia da proeminência do ator do acontecimento; 11) a personalização, isto é, a referência às pessoas envolvidas; e 12) a negatividade, ou seja, segundo a máxima “*bad News is good news*”. (Ibidem, p. 67)

Dada essa introdução, Traquina descreve o que, para ele, determina se algum fato é ou não notícia. Os fatores são: a morte; a notoriedade; a proximidade; a relevância; a novidade; o tempo; a notabilidade; o inesperado; o conflito; a infração; e o escândalo (Ibidem, p. 75-85). É essa a composição mais completa e atual sobre a seleção do que é notícia. E é essa a composição que vamos nos pautar para fazer a comparação entre os dois casos mencionados.

Depois de julgar se o fato é realmente noticioso, há os critérios de seleção da notícia, que filtram quais delas aparecerão e quais serão esquecidas. Esses critérios são: a disponibilidade, isto é, a facilidade de fazer a cobertura de determinado acontecimento; o equilíbrio, isto é, “a noticiabilidade de um acontecimento pode estar relacionada com a quantidade de notícias sobre este acontecimento ou assunto que já existe” (TRAQUINA, 2013, p. 86); a visualidade, isto é, se há fotos ou filmes; a concorrência, isto é, se outra empresa noticiou; e o dia noticioso, isto é, se há abundância ou carência de notícias num determinado dia. Todos esses fatores são contextuais. Ou seja, passada a etapa de definição da notícia, chega-se à fase de contextualização da mesma, para verificar se ela passará até a publicação ou não.

E, em terceiro lugar, há os valores-notícia de construção, que são os “elementos dentro do acontecimento dignos de serem incluídos na elaboração da notícia” (Ibidem, p. 88). Ao todo, são seis, de acordo com Traquina: a simplificação, isto é, quanto mais desprovido de ambiguidade e complexidade, melhor; a amplificação, isto é, quanto maior a amplitude da notícia, mais as chances dela ser notada; a relevância, isto é, compete ao jornalista mostrar que aquela notícia tem importância na vida das pessoas; a personalização, isto é, a valorização das pessoas envolvidas no fato noticioso; a dramatização, isto é, a capacidade de a notícia mexer com o emocional do público; e a consonância, isto é, a notícia deve ser interpretada num contexto conhecido – deve estar inserida numa “narrativa” já existente (Ibidem, p. 88-90).

Dados os valores-notícia de seleção, contextualização e construção, é preciso, antes de prosseguir, esclarecer que esses valores estão sujeitos à relação do jornalista com a fonte, que pode influenciar na percepção do fato. Além disso, a posição editorial de cada veículo também é determinante. Isso ajuda a explicar, por exemplo, o motivo de o Extra ter dado destaque a um acontecimento que foi tratado de maneira mais corriqueira pelo O Globo. Apesar de pertencerem à mesma empresa, possuem política editorial independente.

A política editorial influencia a disposição dos recursos da organização e a própria existência de espaços específicos dentro do produto jornalístico através da sua política de suplementos e sobretudo de rubricas. [...] Outro ponto que merece ser sublinhado é que os valores-notícia estão enterrados nas rotinas jornalísticas. Os contatos constantes entre as fontes e os jornalistas podem influenciar a percepção do jornalista quanto ao valor-notícia dos acontecimentos e dos assuntos. (Ibidem, p. 90-91)

Rancière disse que o que determina a visibilidade e a participação na partilha do sensível são três fatores: atividade exercida, espaço e tempo. Levando para o campo noticioso, se o tempo em que ocorreram os dois casos de assassinato (dos dois jovens no Dendê e do médico na Lagoa) é igual, a diferença de tratamento só pode se dar pelos dois outros fatores. Os jovens eram marginalizados e ocupavam a periferia da cidade; o médico exercia uma atividade de prestígio e ocupava uma área nobre da cidade.

Não à toa, depois que Jaime Gold morreu, o policiamento na Lagoa Rodrigo de Freitas ganhou forte reforço, contando até com a cavalaria da polícia militar, além do aumento do número de viaturas e das patrulhas do Choque de Ordem. O secretário de segurança do Rio José Mariano Beltrame também foi a público se manifestar e classificou como “inadmissível” o crime ocorrido no local, em vídeo gravado⁹:

Um lugar como a Lagoa Rodrigo de Freitas não pode de maneira nenhuma ser alvo desse tipo de atitude. É um lugar onde nós frequentamos, onde nós gostamos de ir. Não podemos admitir que ações dessa natureza aconteçam.

Sobre o Morro do Dendê restou um barulhento silêncio. E, ao silenciar, Beltrame deu a entender que “na Lagoa não pode, mas no Dendê sim”. As declarações

⁹ Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/05/crime-na-lagoa-e-inadmissivel-diz-beltrame-que-anunciou-mudancas.html>. Acesso em 29/02/2016

pegaram mal. Beltrame, ao falar de um e não falar de outro, sem querer, deixou claro quem é visível e quem não é; quem está sendo olhado pelas autoridades e quem está relegado ao segundo plano; onde “nós gostamos” de frequentar e onde “nós não gostamos”.

A política ocupa-se do que se vê e do que se pode dizer sobre o que é visto, de quem tem competência para ver e qualidade para dizer, das propriedades do espaço e dos possíveis do tempo. (RANCIÈRE, 2009, p. 16-17)

Para compreender melhor o abismo na cobertura midiática entre os dois casos de homicídio, devemos voltar à teorização jornalística e comparar os valores-notícia de seleção, numa maneira de tentar detectar quais foram os pontos que dificultaram a inserção dos jovens assassinados pela polícia civil no noticiário – e quais os fatores que tornaram o “Caso Jaime Gold” tão importante. Para facilitar a compreensão, chamaremos este caso de (1). Já o assassinato de Gilson dos Santos e Wanderson Martins será (2), daqui para frente.

No que diz respeito a essa seletividade noticiosa, isto é, à definição se o fato é ou não notícia, temos como primeiro valor-notícia a morte, que está presente em (1) e (2), sendo que em (2) há duas mortes. Teoricamente, deveria ter maior peso, não fossem os componentes sociais envolvidos. Isso levanta uma questão: “Qual é o valor de cada vida?”

A notoriedade dos atores do acontecimento é outro fator. Neste caso, levando-se em consideração o prestígio social do qual cada um gozava, (1) se sobressai a (2). Ou seja, embora duas pessoas tenham morrido em (2), a notoriedade do assassinado em (1) o coloca na frente na corrida pela noticiabilidade. O mesmo acontece com o fator proximidade. Gilson dos Santos e Wanderson Martins eram favelados, viviam na periferia. Já Jaime Gold estava numa zona nobre do Rio de Janeiro, onde também residia. Nestes dois fatores, o contraste social é evidente. O mesmo acontece com a relevância, que é o quanto o fato importa para o público, e a notabilidade, que “a qualidade de ser visível” (TRAQUINA, 2013, p. 79).

Em relação ao conflito e escândalo, outros dois fatores, não se aplicam a estes dois casos. Ambos fazem referência, principalmente, a assuntos políticos. Já a infração acontece tanto em (1) quanto em (2), sendo que em (2), novamente, deveria ter peso

dobrado, pois a infração acontece em duplicidade. Já o inesperado também refere-se aos dois, assim como os fatores novidade e tempo.

Na outra etapa de construção da notícia, isto é, de acordo com os valores-notícia de contextualização, temos a disponibilidade, o equilíbrio, a visualidade, a concorrência e o dia noticioso. O que pode ser visto neste caso é a escolha arbitrária de (1) em detrimento de (2). Não há nada, aqui, que justifique uma ampla cobertura de (1), e não de (2), ou vice-versa. Isso demonstra a arbitrariedade midiática. No “dia noticioso”, houve a preferência por noticiar (1), seguindo os critérios de seleção.

Para os valores-notícia de construção, a situação é idêntica. Os fatores (já mencionados) são: simplificação, amplificação, relevância, personalização, dramatização e consonância. Se analisarmos a fundo esses seis itens, a dramatização deveria se sobressair aos demais. Vale lembrar, mais uma vez, que em (2) houve dois homicídios, contra apenas um ocorrido em (1). Pior: foram dois jovens que morreram, o que, teoricamente, ao menos, deveria causar maior comoção. Entretanto, não é o que acontece.

Entretanto, a maior parte da mídia, da qual o Extra é exceção neste caso, adota um discurso “consonante” com o habitual: repete a narrativa habitual de demonstrar as mazelas da violência nas áreas nobres e deixa a violência diária da periferia no esquecimento, assim como fez o secretário do segurança.

Por último, para encerrar a interpretação dos valores-notícia, está a política editorial. Especificamente falando de O Globo, o caso (1), além de todos os fatores sociais envolvidos, cai como uma luva: o crime foi cometido por menores de idade, sendo o jornal a favor da redução da maioria penal. No caso (2), tratou-se de uma ação da polícia civil. Obviamente é complicado apontar e cravar que houve decisão editorial ao noticiar (1) e (praticamente) não noticiar (2). Mas, proposital ou despropositadamente, acabou sendo coerente com aquilo que o veículo prega nas últimas páginas de suas edições.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A desigualdade social existente no Brasil, último país da América a abolir a escravidão, é muito acentuada. A partir de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, é fácil perceber que negros (pretos e pardos somados) e brancos vivem, de maneira geral, em mundos à parte; isto é, em situações muito diferentes, fruto de uma herança escravocrata. Sendo assim, o preconceito racial, a grosso modo, gerou uma desigualdade social profunda, que, por sua vez, gerou também um preconceito de classes (sem dúvida ele existe também) e mais racismo.

Perceber que negros ocupam escalões sociais mais baixos e que isso descende de injustiças seculares é fundamental para se pensar numa democracia racial. Desse ponto de vista, as cotas raciais são de extrema importância para reorganizar o mundo sensível e redefinir quem toma parte e quem não toma, de acordo com as atividades exercidas dentro de um tempo e de um espaço. É assim que se define, dentro de uma concepção aristotélica, quem exerce sua cidadania e é enxergado pela política, que se ocupa daqueles que são visíveis.

É preciso, igualmente, falar em racismo e combatê-lo. Um dos males que assolam este país dito miscigenado é esse ideal de que aqui diferentes cores convivem na mais perfeita harmonia. Falácia. O racismo à brasileira é camuflado e venenoso. Ele é escondido, o que dificulta sua percepção e, conseqüentemente, sua cura. Mas está aí, e se faz presente, claro, na mídia, a qual, assim como a política, enxerga certas pessoas e outras não.

Ao tornar certas pessoas invisíveis, mesmo que de maneira inconsciente, a mídia contribui para a perpetuação de uma sociedade racista. Isso pode ser visto na comparação entre os casos das mortes do médico Jaime Gold (branco), na Lagoa Rodrigo de Freitas, Zona Sul do Rio de Janeiro, e das mortes de Gilson dos Santos, estudante, e Wanderson Martins, carregador, ambos negros e assassinados no Morro do Dendê, Zona Norte do Rio, em operação da polícia civil.

Enquanto Jaime Gold teve amplo destaque midiático – mesmo sendo um contra dois –, Gilson e Wanderson foram deixados em segundo plano pela maior parte dos veículos de mídia. Neste contexto, o Jornal Extra foi uma exceção e estampou capas críticas, pedindo justamente que o caso não fosse parar no esquecimento popular,

contrastando-se, inclusive, ao O Globo, da mesma empresa, que destacou, praticamente, apenas a morte do médico.

Depois, o mesmo Extra continuou “em oposição” ao O Globo, numa abordagem mais crítica sobre o caso do próprio Jaime Gold. Enquanto O Globo, ao menos em suas manchetes, ressaltava o lado cruel dos assassinos (menores de idade), o Extra procurava mostrar a realidade dura na qual eles estavam inseridos e da qual eram produtos. Vale lembrar, novamente, que no próprio caso dos menores que teriam matado Gold, um deles era branco, e a delegada decretou encerradas as investigações quando dois negros se apresentaram à polícia, o que fez, mais tarde, ter uma reviravolta na apuração.

Numa análise dessas duas coberturas, percebe-se que o silenciamento em relação aos assassinatos no Morro do Dendê configuram racismo, bem como a discrepância nos espaços dados a um caso e ao outro. De acordo com as fatores que definem o que é e o que não é notícia, só fins de preconceito sócio-racial explicam o contraste na forma de tratamento dos dois casos.

O racismo precisa, sobretudo no Brasil, ter uma luz iluminando-o. Precisa, assim, ser combatido. E a mídia, que fala a voz dos donos do poder, brancos, pode ter um importante papel de democratização racial e de redefinição dos espaços no sensível. Mas, ao escolher noticiar certos fatos e outros não, por meios sócio-raciais, contribui para a continuidade do panorama atual. De acordo com esses critérios de noticiabilidade, mostra que há vidas que valem mais do que outras. Mostra que uma vida perdida, se for de um médico branco na Zona Sul, vale mais que dois jovens negros numa comunidade da Zona Oeste.

7. REFERÊNCIAS

7.1. Bibliografia:

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco**. São Paulo: Editora 34, 2013.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

ELLISON, Ralph. **Homem invisível**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

KAMEL, Ali. **Não somos racistas: uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: Editora 34, 2009.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Racismo no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2001.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Editora Insular, 2013.

X, Malcolm. **Autobiografia de Malcolm X / com a colaboração de Alex Haley**. Rio de Janeiro: Record, 1992.

XAVIER, Adilson. **Storytelling: histórias que deixam marcas**. Rio de Janeiro: Best Business, 2015.

7.2. Conteúdo virtual:

BOECHAT, Breno. **Racismo e violência policial são as maiores causas de homicídios de jovens no Brasil**. Disponível em: http://extra.globo.com/noticias/brasil/racismo-violencia-policial-sao-as-maiores-causas-de-homicidios-de-jovens-no-brasil-16266973.html?utm_source=Facebook&utm_medium=social&utm_content=CPI%20negros&utm_campaign=Extra#ixzz3bHA3EDHp

IBGE, **Características étnico-raciais da população brasileira: classificações e identidades**, 2013. Disponível em: http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/Nucleo_Politiclas_Publicas/GT_Igualdade_R

[acial/Artigos_e_Estudos/Caracter%C3%ADsticas%20Étnico-Raciais%20da%20Popula%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira.pdf](#)

IBGE, **Características étnico-raciais da população brasileira: um estudo das categorias de classificação de cor ou raça**, 2008. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv49891.pdf>

IBGE, **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese de indicadores**, 2013. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94414.pdf>

IBGE, **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese de indicadores**, 2014. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000024052411102015241013178959.pdf>

IBGE, **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**, 2012. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv62715.pdf>

IBGE, **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**, 2013. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv66777.pdf>

IBGE, **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**, 2014. Disponível em: http://cebes.org.br/site/wp-content/uploads/2014/12/SIS_2014.pdf

MARTIUS, Karl. **Como se deve escrever a história do Brasil**. Disponível em: https://umhistoriador.files.wordpress.com/2012/03/martius-carl-friedrich_como-se-deve-escrever-a-historia-do-brasil.pdf

MORETZSOHN, Sylvia. **Uma empresa, dois jornais. Um abismo**. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/uma-empresa-dois-jornais-um-abismo/>

ROSSI, Mariana. **Mais brasileiros se declaram negros e pardos e reduzem número de brancos**. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/13/politica/1447439643_374264.html

8. ANEXOS

CRIME BÁRBARO NA LAGOA CHOCA O RIO

Morte de médico causa comoção e revolta nas redes sociais. Beltrame manifesta indignação, reforça a segurança na região, com policiais a cavalo, e pede apoio à Guarda Municipal



REPOSIÇÃO
Jaime Gold, médico não reagiu ao assalto

6 Inadmissível o que aconteceu. Cenas como essas não podem se repetir. A Lagoa é cartão-postal dos cariocas

José Mariano Beltrame
Secretário de Segurança Pública

Ferida, mulher é a nova vítima de facada em assalto

PÁGINAS 12 E 13



DOMINGOS PEREIRO
ONG Rio de Paz fez protesto no local onde Jaime Gold foi esfaqueado: tinta no lugar de sangue

SÓ NÃO SE ESQUEÇAM DE GILSON E WANDERSON

Como em qualquer lugar do mundo, crimes em pontos turísticos têm maior repercussão. Mas, no Dendê, mães choram mortes de seus filhos em ação da polícia e esperam que caso não caia no esquecimento



REPOSIÇÃO
Gilson: estudante morto em ação da Civil



REPOSIÇÃO
Wanderson: o carregador tinha 24 anos



DOR NO ENTERRO
Amigos se despedem de Gilson, menino de 13 anos morto no Dendê

Policiamento da Tijuca terá postos avançados

PM pretende vender terreno do 6º Batalhão e criar outras unidades de polícia de proximidade. **PÁGINA 3**

COLUNISTA

HERÓDICE SEABRA
Deputado quer mudar abordagem policial a menores
PÁGINA 14

JOGO EXTRA

Copa do Brasil: Vasco avança e Fogo empata

1 Vasco não sai do 0 e 0 com o Cuiabá, mas se classifica. Botafogo arranca empate em 2 a 2 contra o Figueirense.

PRÓXIMO DOMINGO

CHURRASCO

7 MELHOR R\$ 29,90 KIT 1 KG

2ª SEMANA

5

1ª SEMANA

RECORTE AQUI O SELO

Explosão: polícia apura se alemão foi ferido a faca

PÁGINA 7

Comissão aprova 78% de reajuste para o Judiciário

SERVIDOR, PÁGINA 17

EXTRA

O jornal mais lido do Brasil pelas classes B e C

Segunda Marston (Jan/2014 a Dez/2014)

ISSN 1135-5137

0 20743 7011000

Explosão em São Conrado

Alemão tem marcas de cortes

Prentuário médico do alemão Markus Müller, vítima de explosão em prédio de São Conrado, mostra que ele tem marcas de cortes no corpo, que podem ter sido causadas por faca ou estilhaços de vidro. Ele está internado em estado grave com 50% do corpo queimados no acidente provocado por vazamento de gás em seu apartamento. **PÁGINA 15**

'INSUBSTITUÍVEL' O gosto único dos jornais

Pam Maurice Lévy, presidente do Publicis, 3º maior grupo de comunicação do mundo, jornais têm "gosto insubstituível" e são complementares às mídias digitais. **PÁGINA 22**

Direto dos pampas

PT do Rio racha com ação de Tarso

O plano do ex-governador do Rio Grande do Sul Tarso Genro de criar uma frente de esquerda no Rio causou mal-estar no PT. O vice-prefeito, Adilson Pires, disse que a movimentação não tem apoio do partido. **PÁGINA 5**

Os segredos de Osama

Um obcecado por segurança

Material apreendido pelos americanos no esconderijo de Bin Laden mostra que o líder da al-Qaeda lia Chernobyl e era obcecado com sua segurança e da família. **PÁGINA 29**

Copa do Brasil

Botafogo arranca empate no fim

Depois de estar perdendo por 2 a 0, o Botafogo reagiu e empatou com o Figueirense, ontem, em Florianópolis, com gol marcado aos 48 minutos do segundo tempo. **PÁGINA 32**

Ginastas suspensos por caso de racismo

PÁGINA 32



Um adeus em vermelho. No lugar em que médico foi assassinado, na Lagoa, manifestantes deixam bicicleta junto à "poça de sangue".

CRIME NA LAGOA

Tragédia anunciada choca Rio

A cidade amareleceu ontem com a notícia da morte do cardiologista Jaime Gold, que causou indignação na população. Aos 56 anos, ele foi esfaqueado no abdômen por ladrões quando andava de bicicleta, na noite de terça. Foi o quarto ataque a facadas na Lagoa em um mês, e agora a Secretaria de Segurança reforçou o policiamento com homens a cavalo. Menos de 24 horas após o crime, Lorena Tristão, de 31, foi esfaqueada nas pernas em tentativa de assalto em São Conrado. **PÁGINAS 8 e 14**

ACERTO DE CONTAS

Congresso adia ajuste e aprova aumento de gastos

Com medo de derrota e rebelião no PT, governo desiste de votar arrocho

Ao mesmo tempo, avança no Senado reajuste de até 78% para o Judiciário, e Câmara dá aval para novo prédio próprio

Com medo de derrota, o governo adiou a votação da principal medida provisória do ajuste salarial e do seguro-desemprego. Senadores da base, sendo dois do PT (Paulo Falcão e Lindbergh Farias), assinaram manifesto contra as alterações. O governo já fora derrotado numa comissão do Senado, que aprovou aumento de até 78% para os servidores do Judiciário, com impacto de R\$ 25,7 bilhões em quatro anos. A Câmara, por sua vez, deu aval para gastos com a ampliação de suas instalações, que prevê até um shopping center. **PÁGINA 9**



Filas sem fim para obter o seguro-desemprego

EXCLUSIVO Após fim de convênio, 56 postos do Sine fecham no Rio, e filas para seguro-desemprego começam na madrugada. **PÁGINA 21**



EXCLUSIVO

OS QUASE SEM-TETO DA MAIOR UNIVERSIDADE

Estudantes como Jackson Yamanaia — que dorme num colchão de uma área que deveria ser cozinha — reclamam das condições de alojamento da UFRJ que passou a receber mais alunos de outros estados e de menor renda, relata **INQUIRIDA**. **PÁGINA 27**

SEGUNDO CADERNO

Em 1965

ELIS MALDIZ O ROCK

Em entrevista inédita, cantora detona a música estrangeira, relata **MARIANA FIGUEIRAS**



EXCLUSIVO

Chica da Silva

MITO ALÉM DO EROTISMO

Talé Araújo, Zazé Motta e a coreógrafa Carmen Luz revisitam a saga da ex-esivista e rainha, conta **FLÁVIA OLIVEIRA**



BOA VIAGEM

Flórida

VERÃO GELADO EM ORLANDO

Fenômeno "Frozen" ao espalhar em novas atrações nos parques e até em cruzeiros da Disney.



Lava-Jato

PF prende operador ligado a Dirceu

A Polícia Federal prendeu ontem, na 13ª fase da Lava-Jato, Milton Pasowitch, apontado como operador de propinas entre a Petrobras e o PT. A empresa de Pasowitch pagou R\$ 1,1 milhão à consultoria de José Dirceu enquanto ele era julgado pelo mensalão. **PÁGINA 5**

Explosão em São Conrado

Médico: alemão falou em tortura

Director do Miguel Couto diz que o alemão Markus Müller, internado na unidade, contou ter sido torturado por bandido que o cortou e ameaçou explodir prédio. **PÁGINA 13**

União reajusta foro

Imóveis na orla pagam taxa maior

Moradores da orla do Rio foram surpreendidos por um reajuste de 29,7% na taxa de foro cobrada pela União, que deve ser paga até junho. **PÁGINA 15**

Religião desvirtuada

Ásia sofre com budismo radical

EXCLUSIVO Drama dos refugiados de Mianmar chama a atenção para o extremismo budista na Ásia, relata DANIELA TONCO. **PÁGINA 27**

NEUROCIÊNCIA

Cérebro eletrônico

Após ter eletrodos implantados em seu cérebro, tetraplégico consegue comandar um braço robótico. **PÁGINA 25**

Novo técnico do Flu

Anderson nega ação entre amigos

Anderson Moreira garante que o fato de ter o mesmo empresário de Fred não influê em sua contratação pelo Flu. **PÁGINA 32**

Gabriel Medina

Campeão aposta na virada em Fiji

PÁGINA 29

ASSASSINATO NA LAGOA

Suspeito tem 16 anos e 15 crimes



Captura. Policiais chegam à Divisão de Homicídios, na Barra, com o suspeito de matar médico

A polícia apreendeu ontem um adolescente de 16 anos suspeito de ter assassinado o cardiologista Jaime Gold, de 57 anos, na Lagoa. Ele tem 15 passagens pela polícia, sendo 13 por furto ou roubo na Zona Sul, muitos com uso de faca. Apesar da

filha corrida, o jovem nunca passou por uma internação. O crime reacendeu o debate sobre a redução da maioridade penal, cujo projeto tramita no Congresso. **PÁGINAS 6 e 11 e editorial 'Crime reforça pressão por nova maioridade penal'**, **PÁGINA 11**

Na Lagoa, o estado a que chegamos.



CRIBCO

AJUSTE DE CONTAS

Dilma eleva imposto de bancos e mantém abono

Presidente recua na mudança do pagamento do benefício, prevista em MP

Alíquota para instituições financeiras vai a 20%; corte no Orçamento, de cerca de R\$ 70 bilhões, será anunciado hoje

Depois de pressão do Congresso, a presidente Dilma Rousseff decidiu vetar a medida provisória que endurecia as regras para o pagamento do abono salarial aos trabalhadores, proposta

de próprio governo. Parte do ajuste fiscal, a medida significaria uma economia de R\$ 9 bilhões. Por outro lado, na véspera de anunciar o corte no Orçamento, que deverá ser de cerca de

R\$ 70 bilhões, a presidente decidiu aumentar o imposto sobre os bancos, de 15% para 20%. Dilma avisou ainda que os cortes nas despesas do governo "não serão pequenos". **PÁGINA 9**

EDITORIAL

Políticos inconsequentes e governo leniente **PÁGINA 10**



DE WASHINGTON PARA O ALEMÃO

A diretora-gerente do FMI, Christine Lagarde, espanta-se com o som do berimbau em visita ao Complexo do Alemão. Ela disse que se sentiu "em uma estação de esquí" no teleférico e ficou surpresa com o cenário de casas de alvenaria, pois esperava encontrar construções precárias. **"É Uma cidade"**, **PÁGINA 20**

Desemprego sobe para 16,2% entre os jovens

Na faixa etária de 18 a 24 anos, o desemprego ficou em 16,2% em abril, contra 12% no ano passado. Com a piora na renda das famílias, jovens foram buscar emprego para ajudar em casa. Na média geral, o desemprego subiu para 6,4% nas seis maiores metrópoles do país. **PÁGINA 21**

Arrecadação de tributos cai 4,6%

PÁGINA 24

'Sonômetro' marca R\$ 200 bi este ano

PÁGINA 24

Atividade econômica recua 1% em março

PÁGINA 22

SEGUNDO CADERNO

Literatura juvenil
SEXO ALÉM DAS ENTRELINHAS



EXCLUSIVO

Presença de cenas picantes em livros contemporâneos causa polêmica e divide educadores e autores, conta ANDRÉ MIRANDA.



EXCLUSIVO

RARIDADES DO FIM DOS ANOS 60
MARIANA FIGUEIRAS recupera entrevistas de Caetano e Paulinho.

COLUMNISTAS

ARTHUR DAPIEVE

'Fidelio' realinha a relação entre a ópera e o resiliante. **SEGUNDO CADERNO**

NELSON MOTTA

Vaporizadores substituirão definitivamente os cigarros. **PÁGINA 19**

DRAMA



APRENDIDO
O menor X, é conduzido por agentes da Divisão de Homicídios

Tragédia anunciada. A 10 quilômetros da Lagoa

Garoto suspeito de matar médico tem histórico de fome, evasão escolar e abandono em Manginhos

Carolina Heringer
carolina.heringer@extra.globo.com
Marcos Nunes
marcosnunes@extra.globo.com

Há quase cinco anos, no dia 20 de junho de 2010, X, de 16 anos, foi apreendido pela primeira vez, acusado de ter roubado o celular e dinheiro de um pedestre na Lagoa, Zona Sul do Rio. Era o início de idas e vindas por delegacias — em especial a 14ª DP (Leblon) — e unidades para menores in-

fratores. Ontem, o rapaz, foi mais uma vez apreendido, desta vez suspeito da morte do médico Jaime Gold, de 55 anos, também na Lagoa. Ele foi capturado em sua casa, em Manginhos, na Zona Norte do Rio.

Desde 2010, foram 15 passagens pela polícia — por crimes como roubo, furto, desacato e tráfico — e nove pelo Departamento de Ações Socioeducativas (Degase). Por ou-

tras três vezes, X, passou pela 14ª DP, mas como vítima. Perambulando pelas ruas do Leblon à noite, foi levado para a delegacia, onde os policiais registraram as ocorrências como abandono material (duas vezes) e abandono de incapaz. Num dos registros, de 25 de outubro de 2010, os policiais afirmam que X e outro menor estavam passando fome, sem dinheiro para voltar para casa.

Em janeiro de 2011, seus pais foram indiciados pela polícia por abandono. Os outros dois casos ainda são investigados. Em um de seus depoimentos à polícia, no ano pas-

sado, a mãe do adolescente, de 55 anos, mostrou que já sabia que o filho estava indo pelo caminho do crime. Catastrada de latas, papelão e garrafas pet, ela relatou que o menino cometia roubos e furtos desde 2010, e que ele já tinha aparecido em casa com um cordão de ouro. Ela contou ainda que o filho era usuário de maconha, e acreditava que muitas vezes ele trocava por drogas o dinheiro obtido cometendo delitos.

A mãe, viúva do primeiro marido há 20 anos, relatou ainda que o pai de X não participou da criação do filho, e sequer ajuda a sustentá-lo. O

próprio menino relatou apatia que só viu o pai duas vezes na vida.

Aos 12 anos, ao ser recolhido na rua pelos policiais, X, contou que costumava matar aula para ir à praia no Leblon e em Ipanema. Segundo o adolescente, sua mãe não sabia que ele ficava perambulando pelas ruas. Ele dizia que estaria jogando futebol.

No início de 2013, no entanto, ele largou a escola. De acordo com a secretária municipal de Educação, X, estudou em unidades da prefeitura por nove anos, de 2003, ainda na pré-escola, até 2012, no 6º ano.

OS FATOS

ASSALTO E ASSASSINATO

Na ciclovia

Jaime Gold foi assaltado na noite de terça-feira. O médico pedalava pela ciclovia da Lagoa Rodrigo de Freitas e, no momento do crime, passava em frente ao centro náutico do Botafogo, na Curva do Calombo.

Cirurgia em vão

Com ferimentos no braço e no abdômen, Jaime chegou a ser levado ao Hospital municipal Miguel Couto, na Gávea. Lá, ele passou por cirurgia, mas não resistiu e morreu na manhã do dia seguinte.

Testemunha

Um frentista ouvido pela polícia disse que a dupla que rondon Jaime parecia ser composta por menores. Eles fugiram com a bicicleta.

Desabafo

A filha do médico fez um desabafo. "Uma carteira e uma bicicleta por uma vida", escreveu ela: "Descanse em paz", concluiu.

Passagem em janeiro por furto de bicicleta

A última passagem de X, por unidades para menores infratores foi em janeiro deste ano, apreendido por furtar bicicletas no bairro do Jardim Botânico, também na Zona Sul do Rio. O adolescente ficou na unidade do Degase por menos de um mês, do dia 16 até 13 de fevereiro. De lá, foi para uma unidade para menores em semiliberdade, de onde acabou fugindo.

Das 15 passagens de X, pela polícia, oito foram por roubo, três por furto, uma por desacato, uma por posse de drogas, outra por tráfico, e, a última, por estar portando uma faca. Nessa ocasião, o adolescente foi pego na Avenida Vieira Souto, em Ipanema, por dois policiais militares. Ele tinha acabado de esconder uma faca de cozinha na areia. Ao ser levado para a delegacia, falou aos policiais que era morador do Morro do Cantagalo, em Ipanema. 1



Facas e outros objetos cortantes apreendidos próximo à casa de X, acusado de assassinato: rotina de crimes e apreensões

NA PÁGINA 4

Os detalhes da apreensão do menor em Manginhos.

LUTO NA LAGOA

A escalada da crueldade

Jovem de 16 anos suspeito de matar médico tem 15 passagens na polícia por roubo

ELENICE BOTTARI
elenice@oglobo.com.br
GUSTAVO GOULART
gou@oglobo.com.br

Em 17 de agosto de 2010, a catadora de lixo X., junto com outros pais, foi chamada à 14ª DP (Leblon), acusada de abandono de incapaz. Seu filho, de apenas 12 anos, havia sido apreendido pela PM com outros dois adolescentes, correndo em atitude suspeita pela Avenida Bartolomeu Mitre, no Leblon. Na delegacia, ela contou que tinha sido abandonada pelo marido e que trabalhava o dia inteiro como catadora no conjunto de favelas de Mangueiras, para sustentar os três filhos. Além disso, só tinha o Bolsa-Família. Confessou ao delegado que, um ano antes, em 2009, o filho chegara em casa com dinheiro roubado, que usava para comprar balas e refrigerantes. Cinco anos depois de muitas idas e vindas a delegacias e instituições de ressocialização, a mãe retornou ontem à Divisão de Homicídios (DH) para tornar conhecimento de uma nova denúncia: o jovem é o principal suspeito do assassinato do cardiologista Jaime Gold, de 57 anos, esfaqueado terça-feira à noite quando pedalava na Lagoa.

Segundo uma testemunha que o reconheceu, o adolescente, hoje com 16 anos, alcançou o médico que seguia pela ciclovia e, antes mesmo de atirar o mudo, o golpeu pelas costas de forma brutal. Ao ver a vítima no chão, o suspeito, ainda de acordo com a testemunha, voltou a golpê-la, rasgando seu abdômen num longo e profundo corte de baixo para cima, que atingiu quatro órgãos e tirou de Jaime qualquer chance de sobreviver ao ataque, mesmo depois de oito horas de cirurgia.

EM 2014, FACA NO PEITO DE VÍTIMA
A transformação da criança pobre em suspeito de um brutal assassinato está registrada em cada folha dos autos de apreensão feitos em suas 15 passagens por delegacias da cidade — quase sempre flagrantes de furto e roubo. Em pelo menos cinco deles, o adolescente usou faca.

No primeiro assalto, em 20 de junho de 2010, na Avenida Epitácio Pessoa, na Lagoa, ficou na ameaça: só dizia ter uma faca. Já na tentativa de roubo de um celular na Rua Humberto de Campos, no Leblon, em 2011, ele tinha uma faca de fato e a puxou, ameaçando a vítima, que reagiu e conseguiu domá-lo. Na mesma rua, em 4 de maio de 2012, mais uma vez o adolescente, então com 14 anos, voltou a usar uma arma branca, mas, ainda inexperiente, se assustou diante de uma possível reação e fugiu. Em setembro de 2014, foi bem mais agressivo: empunhou a faca contra o peito de uma pessoa em plena Rua Prudente de Moraes, em Ipanema.

Apesar da crescente violência, o jovem nunca recebeu uma medida de internação em regime fechado. O maior período de tempo que permaneceu em uma instituição aconteceu em 2013. Foram 39 dias em abrigo provisório para, ao final, receber advertência e remissão da pena. Mas, numa de suas curtas passagens, foi torturado por agentes na Escola João Luiz Alves, em crime denunciado pelo Ministério Público em 2014.

Há mais de três anos à frente da DH, o delegado Rivaldo Barbosa se mostrou chocador.
— A frieza do adolescente infrator e a forma covarde com que ele agiu me chamam a aten-



Apreensão. Acusado de matar a facadas médico na Lagoa chega à Divisão de Homicídios; jovem nega o crime

ção. Ele não demonstra nenhum sentimento pelo outro ser humano. O médico recebeu no mínimo quatro golpes. A ação foi sorrateira. Reconhecido pela testemunha através de fotos, o adolescente teve a apreensão determinada pela Justiça. Com o mandado em mãos, agentes foram para a Favela de Mangueiras, por volta das 5h. Além do menor, foram recolhidas nove bicicletas. Uma delas custa R\$ 30 mil (entre elas, há uma Rocky Mountain). No local, foram achados um facho com cerca de 30 centímetros de lâmina, três facas pequenas e duas tesouras. A polícia agora tenta localizar outro suspeito.

Na delegacia, o jovem negou ter assassinado o médico, mas confirmou a prática de roubos na região. O perfil do acusado é o mesmo de outros jovens, quase todos moradores das comunidades de Jacarezinho, Mandala, Mangueiras e Arará, que seguem para a Zona Sul para furtar ou roubar objetos de valor para revendê-los a recepcionadores.

— No verão, eles chegam em grupos nos fins de semana. Agora, chegam aos poucos de ônibus. Na maioria das vezes, pulam a roleta, entram pelas janelas e saem sem pagar, aterrorizando até mesmo os motoristas — observou a delegada Mônica Vidal, titular da 14ª DP (Leblon). — A principal não é uma gangue específica. Eles se conhecem porque moram na mesma região, vêm no mesmo ônibus e até já passaram juntos em unidades cumprindo medidas socioeducativas.

De acordo com dados levantados pela delegacia, de janeiro até ontem foram feitos 153 regis-

tros de ocorrência envolvendo menores. O adolescente apreendido foi localizado em casa, num condomínio do programa Minha Casa Minha Vida, onde mora com a mãe, o irmão, a irmã e o cunhado. A mãe e a irmã também prestaram depoimento na DH e contaram que o jovem está fora da escola há quatro anos.

Para o psicanalista Luiz Alberto Py, o autor das facadas tem traços de psicopatia.
— Uma pessoa que mata outra tem algum desvio psicológico. Psicopatas não têm a capacidade de se identificar com o outro ou de compreender o sentimento do outro. Não congoço o rapaz, mas podemos estar diante de uma mistura de fator social com psicológico. Dá a impressão de que havia um desajo de esfaquear anterior ao contato com a vítima, de ter prazer com isso.

Ontem, o governador Luiz Fernando Pezão, além de admitir que houve um erro no policiamento da Lagoa, voltou a falar sobre a redução da maioridade penal. Ele afirmou ser favorável em caso de crimes hediondos:

— Eu não quero que a gente fique envergando golo. A matéria das apreensões que fazemos é de menores. É inaceitável. Lugar de menor é na escola — disse. — Só quero que seja feita uma discussão no Congresso Nacional. A polícia bateu recorde de apreensões de menores e não está sendo suficiente. •

Colaboraram Ana Cláudia Costa, Rodrigo Bertolucci e Simone Candida

A LISTA DE ACUSAÇÕES

EM 5 CASOS, JOVEM TERIA USADO FACA

- 2010**
 - Av. Epitácio Pessoa
 - 20/06 - Roubo de celular em frente ao Clube Calcearia. Era levado para a vítima que estava com uma faca
 - 02/07 - Furto de celular, relógio e dinheiro em frente ao número 3.500
 - Rua Nascimento Silva
 - 31/11 - Roubo de celular e relógio
- 2011**
 - Rua Humberto de Campos
 - 10/08 - Roubo de celular com faca
 - Av. Afânio de Melo Franco
 - 09/09 - Furto de celular
 - Rua Prudente de Moraes
 - 10/09 - Furto de celular
 - Sem data - Crime contra o patrimônio
- 2012**
 - Rua Humberto de Campos
 - 04/05 - Roubo a transeunte. Estava com uma faca
- 2013**
 - Conjunto Nelson Mandela
 - 11/06 - Desacato
 - 13/12 - Porte de arma



- 2014**
 - Rua Prudente de Moraes
 - 09/11 - Roubo de bicicleta de turista com faca
 - Avenida Vieira Souto
 - 26/07 - Apreensão de faca e roubo de celular
 - Avenida Leopoldo Bulhões
 - 08/11 - Apreensão de bicicleta supostamente roubada
- 2015**
 - Avenida Epitácio Pessoa
 - 18/05 - Roubo de bicicleta
 - 18/05 - Latrocínio com uso de faca

Fonte: Polícia Civil Editora de Arte

MUNDIAL

O menor preço total.

FAMÍLIA É SEMPRE IGUAL. OFERTA É DIFERENTE.

<p>Coração da Alcatra Bovina MATURATTA</p> <p>23,50</p>	<p>Filé-Mignon Bovino FRIBOI</p> <p>28,99</p>	<p>Filadélfia de Frango Congelada C'VALE Pacote 1 kg</p> <p>6,99</p>	<p>Bianquet de Peru SADIÀ a Granel</p> <p>19,90</p>	<p>Queijo Minas a Granel</p> <p>10,90</p>	<p>Leite REGINA Total Integral Zero Desnatado ou Desnatado Vitaminado TP 1 L</p> <p>2,28</p>	<p>Ketchup HEINZ Tradicional ou Picante 397g</p> <p>5,98</p>	<p>Malones HELLMANN'S Regular 500g</p> <p>4,88</p>
<p>Batata LAY'S Vários Sabores 90g</p> <p>3,75</p>	<p>Bebida Lícida TODDYNO Tradicional 270ml</p> <p>2,39</p>	<p>Suco de Uva Integral CATAFEITA 1L</p> <p>7,95</p>	<p>Vinho Português POIRCA DE MURÇA Reserva 750ml</p> <p>42,80</p>	<p>Vinho Chileno CASILLERO DEL DIABLO 750ml</p> <p>31,90</p>	<p>Cerveja HEINEKEN Lata 350ml</p> <p>2,74</p>	<p>Lava-Roupos em Pó OMO Multilção LEVE 2 KG PIGUÊ 1,9 KG</p> <p>9,98</p>	

www.supermercadosmundial.com.br siga-nos SAC 2131-7001 ofertas válidas: 22/05 a 24/05/2015

O GLOBO

Opinião

Políticos inconsequentes e governo leniente

A quarta-feira foi um dia revelador das mazelas do momento, com o país travado numa crise fiscal séria, enquanto a terra sair dela e assim, dar algum horizonte de segurança à sociedade, em especial aos agentes dos mercados. Sem eles, não giram as engrenagens da produção, do emprego, da renda. Mas antecorrendo, com este pano de fundo, o Senado teve de votar a votação de parte do ajuste fiscal...

O Congresso parece não entender o risco que o país corre. Há um clima de baile no salão do 'Titanic', enquanto o navio se aproxima do iceberg

são selvagem, à la Grécia. E ainda neste cenário há um governo fraco e políticos inconsequentes, desinformados da real situação do país, tudo potencializado pela adesão da oposição ao estilo destrutivo com que o PT combatesse os governos FHC. Dá-se o troco, mas prejudicando-se todos.

Entre as causas da debilidade planáltina está o próprio estelionato praticado por Dilma e cúpula do PT na campanha, com o aceno de um quadro econômico ideal. Manipulou-se a grande massa de brasileiros desinformados, alertando-os contra medidas que a oposição tomaria caso viesse às eleições, mas que tinham mesmo de ser adotadas. E por isso Dilma se adotei.

mas já deve ter percebido que sequer o antigo instrumento do fisiologismo funciona como antes, pois o político patronalista prefere se posicionar de forma demagógica junto ao eleitorado, diante de um governo fragilizado. O PT é um exemplo: vota contra o ajuste e continua no Ministério. A melhor alternativa é persistir no convencimento do Congresso. Outra, pior, é abandonar a negociação política e peser a mão nos cortes, mas fazê-lo de forma que os investimentos sejam mais uma vez penalizados. Ou abrir uma rodada deplorável de aumento de custos, cujo resultado será impedir uma retomada do crescimento em prazo razoável.

Falta, também, mais empenho da Presidência em fazer o que é preciso, como o demonstrado na aprovação pelo Senado do jurista Laís Falcin para o STJ. Talvez escasseie convicção.

Os sinais que a realidade emite e o comporta-

mento do Congresso são de sentidos opostos. Há um clima de baile no salão do "Titanic", enquanto o navio se aproxima do iceberg. Ora, as contas públicas fecharam 2014 sem sustentabilidade. Impossível sobreviver muito tempo com um déficit público nominal de 6,7% do PIB, uma dívida bruta acima de 60%, e assim por diante. O ajuste, incompreendido em parte do Congresso e no PT, partido do governo, é para evitar o pior: fuga de capitais, explosão do câmbio e da inflação, recessão

razões praticam crimes desembarradamente, à vista de quantos estejam sistematically: o Estatuto os protege. Outra, a inegável rede de informações que os bandos trocam entre si, do que é prova o uso, cada vez mais constante, de facas em assaltos na rua. Sabem que portar arma branca não é prova de crime, um conceito que os delinquentes aprenderam e adotam em favor de seus atos.

Com a flexibilização da lei branda-se também a relativização do envolvimento de menores em

crimes, principalmente homicídios. Por menor que seja o índice, não é por isso que atos de violência, principalmente os que levam à morte, deixam de ser trágicos — logo, graves.

O debate sobre a inimpunibilidade de delinquentes juvenis corrompidos por esse tipo de argumentos que desloçam a discussão. Espera-se que, agora, as trágicas consequências de crimes como o desta semana na Lagoa contribuam para dar-lhe o rumo correto. Da parte do Legislativo, as ações parecem bem encaminhadas com a aprovação, na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara, da emenda que reduz para 16 anos o limite da inimpunibilidade penal — o que poderia ser feito dando-se ao juiz competência ou arbítrio de decidir pela punibilidade de acordo com a gravidade do caso. Um choque de realidade que precisa ser corroborado pelo plenário.

Crime reforça pressão por nova maioria penal

Crimes como a morte do médico Jaime Gold, e outros com o envolvimento de adolescentes, são tragédias anunciadas que se alimentam na esquizofrênica resistência de parte da sociedade a enxergar uma realidade insustentável. Como em ocorrências anteriores em que a violência dos criminosos levou ao óbito, ou provocou ferimentos graves nas vítimas, também desta vez há fortes indícios de participação de jovens com idade inferior a 18 anos. Ou seja, de antemão virtualmente inalcogáveis pela Justiça, um salvo-conduto balizado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente para a criminalidade sem o risco de punição efetiva.

Aprensão de suspeito, menor de idade, de ter matado médico na Lagoa é mais um entre um sem-número de atos de violência que ficam sem punição

Não é mais argumento a ser colocado na mesa a suposta atenuante de que jovens com menos de 18 anos não têm consciência de seus atos. Falso. Fora a evidência de que adolescentes ingressados na marginalidade têm maturidade suficiente para medir o grau de violência que empregam para intimidar as vítimas, outras duas particularidades desses crimes em série desfazem essa irrelevância. Uma delas diz respeito à consciência do abrigado que o ECA lhes oferece. Não é por acaso que esses

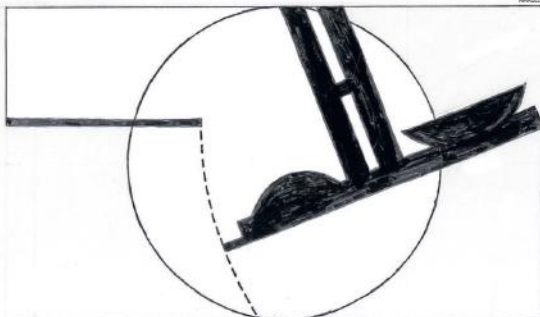
crimes, principalmente homicídios. Por menor que seja o índice, não é por isso que atos de violência, principalmente os que levam à morte, deixam de ser trágicos — logo, graves.

Crimes como a morte do médico Jaime Gold, e outros com o envolvimento de adolescentes, são tragédias anunciadas que se alimentam na esquizofrênica resistência de parte da sociedade a enxergar uma realidade insustentável. Como em ocorrências anteriores em que a violência dos criminosos levou ao óbito, ou provocou ferimentos graves nas vítimas, também desta vez há fortes indícios de participação de jovens com idade inferior a 18 anos. Ou seja, de antemão virtualmente inalcogáveis pela Justiça, um salvo-conduto balizado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente para a criminalidade sem o risco de punição efetiva.

ROGÉRIO FURQUIM WERNECK

Danos da insensatez

Passados quase cinco meses do segundo mandato da presidente Dilma, já é possível vislumbrar com mais nitidez limites e possibilidades da guinada de política econômica que, a duras penas, vem sendo conduzida pelo ministro Joaquim Levy. Tanto pessimistas como otimistas têm boas razões para rever posições mais extremadas.



Planoalto sobre sua bancada no Congresso, é especialmente preocupante que a oposição se tenha permitido dar apoio maciço a decisão tão estapafúrdia. Foi uma indefensável demonstração de irresponsabilidade, que amplia em muito a incerteza sobre a viabilidade do esforço adicional de ajuste fiscal que o governo ainda terá de mostrar no futuro próximo.

Para assegurar aprovação de várias das medidas de ajuste no Congresso vem deixando entrever que a resistência a ser enfrentada será bem mais vigorosa do que o Planoalto esperava. Parte da resistência já estava manifestada. Para assegurar aprovação de várias das medidas de ajuste no Congresso vem deixando entrever que a resistência a ser enfrentada será bem mais vigorosa do que o Planoalto esperava.

Tramitação do ajuste no Congresso deixa entrever que a resistência será bem mais vigorosa do que o Planoalto esperava

inicialmente contemplados. Mas, na tramitação da reversão da desoneração da folha de pagamentos, o governo vem-se deparando com vigorosa resistência no Congresso, facilmente explicável pela enorme influência política da coalizão de interesses que poderão vir a ser contrariados.

Em boa hora, o ministro Joaquim Levy constatou que o arcação não fazia o menor sentido e que o custo da "brincadeira" havia se tornado insustentável. E se pôs em campo para desfazer o despropósito. Mas tudo indica que não será fácil. O lobby contrário é extremamente poderoso. A batalha promete ser árdua. É o desfecho, decepção.

É bem possível que o país tenha de conviver por muitos anos mais com sequelas da forma desastrosa como foi feita a desoneração da folha no governo passado. Os danos da insensatez podem ser pensadamente duradouros.

Rogério Furquim Werneck é economista e professor da PUC-Rio

GRUPLOBO
PRESIDENTE Roberto Pinheiro
VICE-PRESIDENTES João Roberto Marinho - José Roberto Marinho
O GLOBO
Assessoria de Comunicação e Participação S.A.
DIRETOR DE REDAÇÃO E EDITOR RESPONSÁVEL: Antônio Sales
EDITORES EXECUTIVOS: Diogo Amari, Paula Neta, Pedro Dorça e Silvana Fonseca

Fale com O GLOBO
ADICIONA O GLOBO DE NOTÍCIAS
Venda de noticiário: (21) 2534-6659
Banco de imagens: (21) 2534-9177
Fotografia: (21) 2534-5779
Atendimento ao assinante: (21) 2534-6180
PUBLICAÇÃO: Noticiário: (21) 2534-4380
Classificação: (21) 2534-4323
Jornal de domingo: (21) 2534-4322

Geral e Redação (21) 2534-5000
Mídia, religião e cultura: (21) 2534-4323
Fundações: (21) 2534-5001
Legis: Rua Troncos Velhos 26, Cidade Nova
Internacional: Av. Helderblum, 100 (SUA), Tel. +1-877-833-0000
E-mail: internacional@oglobo.com.br
ASSINATURA: Central de atendimento: www.oglobo.com.br/assinatura

Classifone (21) 2534-4333
sujeito telefones 4002-5300
Linha de atendimento: 0800-029483
horários: de 2ª a 6ª fev, das 9h00 às 18h, aos sábados, domingos e feriados, das 9h às 18h
Twitter: @oglobo, @O_Globo
Facebook: facebook.com/oglobo
Instagram: instagram.com/oglobo
YouTube: youtube.com/oglobo
Site: www.oglobo.com.br
Assinatura: www.oglobo.com.br/assinatura

Para assinar (21) 2534-4315 ou oglobo.com.br/assine
normal, R\$ 10,00 por mês, R\$ 100,00 por ano
VENDA AVULSA: Exceto: Diária: R\$ 1,00; Semanal: R\$ 5,00; Mensal: R\$ 10,00; Trimestral: R\$ 30,00; Semestral: R\$ 60,00; Anual: R\$ 100,00
EXEMPLARES ATACADO: Para fretes, 10% de acréscimo, exceto fretes, de 10 a 15 km. Preço e horário de entrega atual
O GLOBO é assinante: R\$ 10,00 - ISSN: 0014-0607

GRUPLOBO
Assessoria de Comunicação e Participação S.A.
DIRETOR DE REDAÇÃO E EDITOR RESPONSÁVEL: Antônio Sales
EDITORES EXECUTIVOS: Diogo Amari, Paula Neta, Pedro Dorça e Silvana Fonseca